UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS SERTÃO

CURSO DE LETRAS

MAYZA GOMES DA SILVA

NO ENSINO LITERÁRIO DOS “ROMANCES REGIONALISTAS” [SÉC. 19 E 20], O ENSINO E A APRENDIZAGEM SOBRE INTERIOR, SERTÃO, NORTE, SECA E NORDESTE

DELMIRO GOUVEIA - AL

2023

MAYZA GOMES DA SILVA

NO ENSINO LITERÁRIO DOS “ROMANCES REGIONALISTAS” [SÉC. 19 E 20], O ENSINO E A APRENDIZAGEM SOBRE INTERIOR, SERTÃO, NORTE, SECA E NORDESTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL – Campus do Sertão), como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

DELMIRO GOUVEIA - AL

2023

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/*2209*

S586n Silva, Mayza Gomes da

No ensino literário dos "romances regionalistas" [Séc. 19 e 20], o ensino e a aprendizagem sobre interior, sertão, norte, seca e nordeste / Mayza Gomes da Silva. - 2023.
62 f. : il.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Linguística aplicada. 2. Livro didático. 3. Ensino médio. 4. Romance regionalista. 5. Literatura. 6. regionalismo. 7. Nordeste. 8. Norte. 9. Seca. I. Santos Filho, Ismar Inácio. II. Título.

CDU: 81'27

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Mayza Gomes da Silva
Discente da UFAL - Campus do Sertão

DATA DE AVALIAÇÃO: 05.09.2023

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br
ISMAR INACIO DOS SANTOS FILHO
Data: 16/09/2023 10:54:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – Orientador (PPGLL-FALE; UFAL-Campus do Sertão; GELASAL)

Documento assinado digitalmente
gov.br
FABIA PEREIRA DA SILVA
Data: 18/09/2023 08:32:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Fábia Fulni-ô - Avaliadora interna

(UFAL - Campus do Sertão)

Documento assinado digitalmente
gov.br
SONIA DA ROCHA
Data: 17/09/2023 18:48:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Esp. Sônia da Rocha – Avaliadora Externa

(PPGLL-UFAL; GELASAL)

Dedico este trabalho a todos que estiveram ao meu lado em todo o processo de escrita. Também àqueles a quem este estudo possa ajudar de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que me proporcionou e proporciona em minha vida. Aos meus pais por sempre me apoiarem e estarem comigo em todos os momentos.

Aos companheiros e companheiras de curso, por todo apoio nesses anos com todas as alegrias e sufocos que passamos juntos. Em especial à Waléria Gomes, Thiago Lima, Lesley Santos e Larissa Hermínio, que estão comigo desde o primeiro período, passando por todas as etapas do curso com união e cooperação. A todos os meus amigos e amigas que levarei para minha vida: Jully Cristina, Aparecida Soares, Eric Araújo, Júlio Lisboa, Taynah Porfirio e Rafael Gonçalves. Aos meus demais familiares e amigos que me acompanharam nessa jornada.

Agradeço também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC pela oportunidade e pelo incentivo à pesquisa.

Ao GELASAL pelas discussões e estudos que foram de grande importância para a realização deste trabalho. Aos demais participantes do grupo, pelas vivências e conhecimentos compartilhados que foram enriquecedores para minha formação, em especial para minhas companheiras de projeto de pesqusia: Fernanda Souza, Elaine Oliveira e Evellyn Ferreira.

Aos professores e professoras da graduação pelos valiosos ensinamentos e a toda instituição da UFAL – Campus Sertão pelo acolhimento.

E um agradecimento especial ao meu professor e orientador doutor Ismar Inácio dos Santos Filho por acreditar em mim e sempre me incentivar no meio acadêmico.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia (...)”

(Harry Potter e as Relíquias da Morte)

RESUMO

A presente pesquisa é uma análise enunciativo-discursiva acerca dos sentidos de “Sertão”, “Nordeste”, “Semiárido”, “Norte”, “interior” e “seca” em dois capítulos de livros didáticos do Ensino Médio, intitulados “O romance regionalista. O teatro romântico”, do 2º ano, e “O romance de 1930”, do 3º ano, distribuídos em escolas estaduais públicas, também na cidade de Delmiro Gouveia, no Sertão de Alagoas. Ambos fazem parte da coleção “Português – contexto, interlocução e sentido”, da Editora Moderna, de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara, de 2010. Esse estudo tem por objetivo compreender como os sentidos de “Nordeste”, “Sertão”, “Norte”, “interior”, nos dois capítulos analisados, estão sendo propostos por meio dos enunciados escolares. O estudo tem como pergunta norteadora: Quais sentidos são propostos pelas autoras dos capítulos dos livros didáticos acerca do “Sertão”, “Nordeste”, “seca”, “Norte” e “interior” enquanto propostas de ensino de literatura regionalista? Para tanto, a pesquisa é feita através da Linguística Aplicada (LA), numa perspectiva transdisciplinar, interpretativista, em relação às teorias bakhtinianas acerca do “enunciado concreto” e do dialogismo. A partir das análises, concluo que as propostas de sentidos em enunciados que são mobilizados nos dois capítulos didáticos analisados trazem uma noção simplista e estereotipada acerca do Sertão/Nordeste/Semiárido em suas lições para o ensino da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Os estudos foram realizados com base nas teorias de autores e autoras como Albuquerque Júnior (1997, 2009, 2016, 2019, 2020, 2021), Santos Filho (2021, 2022), Fontes (2019), Moita Lopes (2014), Fabrício (2006), Signorini (1998), Mussalim (2020), Miotello (2005), Santos Filho (2012a, 2012b), Grillo (2006), Esteves (2014, 2016), Goulart (2009), Mendonça (2021), Terra (2021) e Santos (2021), entre outros.

Palavras-chave: Sertão; Nordeste; Literatura; Livro didático; Linguística Aplicada.

ABSTRACT

This present research is an enunciative-discursive analysis of the meanings of "Sertão", "Nordeste", "Semiárido", "Norte", "interior" and "seca" in two chapters of high school textbooks, entitled "O romance regionalista. O teatro romântico" for the eleventh grade, and "O romance de 1930", for the twelfth grade, distributed in public state schools in the city of Delmiro Gouveia, in the hinterland of Alagoas. Both are part of the collection "Português – contexto, interlocução e sentido", by Editora Moderna, authored by Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete Abaurre and Marcela Pontara, from 2010. This study aims to understand how the meanings of "Nordeste", "Sertão", "Norte", "interior", in these two analyzed chapters, are being proposed through school advertisements. The study has as its guiding question: What meanings are proposed by the authors of the chapters of textbooks on "Sertão", "Nordeste", "seca", "Norte" and "interior" as proposals for teaching regionalist literature? Therefore, the research is carried out through Applied Linguistics (AL), in a transdisciplinary, interpretive perspective, about Bakhtinian theories about the "concrete utterance" and dialogism. From the analyses, it is concluded that the proposed meanings in utterances that are mobilized in the two didactic chapters analyzed bring a simplistic and stereotyped notion about the Sertão/Nordeste/Semiárido region in their lessons for teaching literature in Portuguese Language classes. The studies were carried out based on the theories of authors and authors such as Albuquerque Júnior (1997, 2009, 2016, 2019, 2020, 2021), Santos Filho (2021, 2022), Fontes (2019), Moita Lopes (2014), Fabrício (2006), Signorini (1998), Mussalim (2020), Miotello (2005), Santos Filho (2012a, 2012b), Grillo (2006), Esteves (2014, 2016), Goulart (2009), Mendonça (2021), Terra (2021) and Santos (2021), among others.

Keywords: Sertão; Nordeste; Literature; Textbook; Applied Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens da peça publicitária do Governo de Alagoas acerca do projeto político direcionado ao Sertão.....16

Figura 2 - Primeiras páginas do capítulo 7.....18

Figura 3 - Primeiras páginas do capítulo 5.....18

Figura 4 - Capas dos livros didáticos "Português: Contexto, interlocução e sentido" – volumes 3 e 2.....19

Figura 5 - Capas dos livros didáticos "Português: Contexto, interlocução e sentido" – volumes 3 e 2.....40

Figura 6 - Capa do capítulo 7 – "O romance regionalista. O teatro romântico".....41

Figura 7 - Apresentação do capítulo 7.....42

Figura 8 - Fotografia Palhoça no sertão.....43

Figura 9 - Mapa do IBGE sobre os romances regionalistas do século XIX.....44

Figura 10 - Capa do capítulo 5 – "O romance de 1930".....46

Figura 11 - Gráfico temporal do capítulo 3.....48

Figura 12 - Análise da música Asa Branca, de Luiz Gonzaga.....49

Figura 13 - Imagem do boi morto 50

Figura 14 - Recomendação do filme Baile Perfumado.....53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2. LINGUÍSTICA APLICADA POR UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA.....21

2.1 Linguística Aplicada: um breve histórico 21

2.2 A área de pesquisa.....22

2.3 A relação com os estudos de Bakhtin e o enunciado concreto.....23

2.4 Como é feita uma análise enunciativo-discursiva.....25

3. *LINGUAGEM E TERRITÓRIO*: O SERTÃO E O NORDESTE 28

3.1 Nordeste e Sertão: uma breve historiografia..... 29

4. LIÇÕES ESCOLARES SOBRE *SERTÃO*, *NORDESTE*, *NORTE*, *INTERIOR* E *SEMIÁRIDO*.....34

4.1 O livro didático e a esfera escolar.....35

4.2 A estrutura dos livros didáticos, *corpus* de análise.....38

4.3 Análises dos capítulos didáticos (*corpus*).....40

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....55

REFERÊNCIAS.....58

CAPÍTULO 1
INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a Linguística Aplicada (doravante LA) foi através da disciplina de mesmo nome, ministrada pelo professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, no quinto período (2019.1), no curso de Letras-Língua Portuguesa (UFAL-Campus do Sertão). Com as discussões levantadas durante as aulas, pude compreender uma outra maneira de fazer pesquisa em Linguística, um jeito de refletir sobre língua(gem) que foge dos padrões modernistas e estruturalistas, aqueles de uma língua pura. Essa outra postura investigativa leva em consideração o social, a língua em uso, buscando compreender como as práticas discursivas influenciam as práticas sociais por meio de uma perspectiva interacionista da linguagem, e vice-versa. Assim, essa área de pesquisa de língua(gem) me despertou interesse em meio às demais estudadas até então.

Ademais, conheci o Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano – Gelasal – através de textos produzidos no Grupo que foram trabalhados na disciplina de "Linguística Aplicada", coordenado pelo professor já mencionado. Esses textos, produzidos por outros participantes desse Grupo, traziam análises em LA acerca de práticas de discursos sobre Sertão/Nordeste/Semiárido no imaginário social e os sentidos estabelecidos acerca desse(s) espaço(s). Entre eles, por exemplo, estava o texto "De 'seca' à chuva: a alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) postada em vídeos pessoais", de Rakel dos Santos, e "A seca em Alagoas noticiada", de Saúde Nascimento, ambos publicados na revista Caburé[1], em 2018. Fiquei bastante intrigada com a temática do Sertão e Nordeste em suas análises, pois traziam discussões em que eu, enquanto nordestina, alagoana e sertaneja, sou diretamente afetada.

Com isso, convidei o professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho para ser orientador do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, e ele, aceitando o convite, também me convidou para integrar o Grupo que coordena, o Gelasal. Prontamente aceitei, pois, aquela curiosidade instigada na disciplina de LA ainda estava em mim e fui muito bem recepcionada pelo(a)s demais participantes do Grupo, inclusive colegas de turma. Em contato com os textos trabalhados, vi o quão importante eram as questões levantadas em relação ao Sertão e Nordeste, com análises enunciativo-discursivas de discursos cotidianos.

[1] Revista caburé – Saberes acadêmicos indisciplinares/ Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Coordenação de pesquisa. – V.1, n.1 (jan/jun. 2018). Delmiro Gouveia: Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Além disso, também fui convidada pelo professor para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – 2021/2022, com o projeto intitulado "Educação [linguístico-literária e histórico-geográfica] sobre/para o sertão/Nordeste em livros/materiais didáticos", buscando pensar sobre a educação, que é linguístico-literária e histórico-geográfica, e as propostas de sentidos em discursos sobre/para o Sertão e Nordeste como propostas educativas em livros didáticos e vídeo-resenhas. No mais, o meu plano de trabalho tinha como título "No ensino literário dos "romances regionalistas" [séc. 19 e 20], o ensino e a aprendizagem sobre interior, sertão, Norte, seca e Nordeste" e trabalhava com o estudo das propostas de sentidos acerca de "sertão" e "Nordeste" no ensino de literatura em duas unidades didáticas da coleção "Português – contexto, interlocução e sentido", de 2010, de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara, distribuídas em escolas de Educação Básica de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas. Foram analisados dois capítulos da coleção mencionada, intitulados "O romance regionalista. O teatro romântico", do 2º ano, e "O romance de 1930", do 3º ano.

Dessa forma, o tema dessa pesquisa me chamou bastante a atenção, por discutir propostas de sentidos acerca do *Sertão*, *Nordeste*, *semiárido*, *Norte* e *interior* nas lições em dos livros didáticos para estudantes do Ensino Médio, tendo sido trabalhadas também por estudantes sertanejo(a)s em Delmiro Gouveia (AL). Sobre sertão/ Nordeste, as produções televisivas, por exemplo, sempre me incomodaram por forçar uma imagem de Sertão e do Nordeste enquanto um lugar de atraso, de pessoas rudes e pobres, com sotaques forçados e caricatos. Com isso, ao estudar os textos trabalhados nas discussões, descobri um mar de questões que, enquanto sertaneja/nordestina, nunca tinha notado. Penso hoje como essas questões passam despercebidas pelos próprios sertanejos e pelas sertanejas. Isso me deixou intrigada, principalmente quando são estudantes e docentes que utilizam livros didáticos como auxílio no processo de ensino e aprendizagem. Foi aí que vi o quão importante era a pesquisa, para analisar e repensar como se dão os sentidos e discursos acerca dessa região e como esse lugar é ensinado.

Assim, cada vez mais envolvida com essa pesquisa, decidi, em diálogo com meu orientador, expandir o estudo do projeto PIBIC – 2021-2022 e transformá-lo em minha pesquisa de TCC, pois havia ainda muito o que explorar. Dessa forma, a presente pesquisa parte desse projeto desenvolvido no Gelasal, que se estendeu para o Pibic 2022-2023, com base nos estudos dos textos e discussões realizadas no Grupo, com o objetivo de compreender os sentidos propostos nos livros didáticos mencionados para o ensino literário sobre os regionalismos, compreendendo as lições sobre "sertão", "Nordeste", "seca", "interior" e "Norte", além de

pensar sobre a relação das obras regionalistas com as questões geo-históricas no ensino de Língua Portuguesa. Também visa estudar a influência das obras regionalistas do século XIX para as literaturas de 1930, do século XX, e de refletir sobre os recursos semióticos utilizados para o ensino e aprendizagem sobre Sertão/Nordeste.

No mais, este trabalho segue o viés da Linguística Aplicada, numa perspectiva interacionista da língua(gem), trans/indisciplinar (MOITA LOPES, 2014), com a etnolinguística da fala viva como metodologia para as análises, na perspectiva bakhtiniana. Com isso, buscamos problematizar a construção enunciativo-discursiva acerca da noção de Sertão/Nordeste, dando conta dos arranjos e rearranjos discursivos e linguístico-enunciativos encontrados no gênero discursivo livro didático, mais especificamente em dois capítulos de livros. Nesse sentido, a pesquisa não é apenas linguística, mas também histórico-geográfica, pois busca diálogos em outras áreas do saber. Nisso, entendemos que a história, de acordo com Albuquerque Jr. (2021), não se trata apenas de relatos de fatos decorridos, em que um historiador, no presente, olha para o passado e fala sobre ele, mas que o pesquisador olha para o passado e relata os fatos a partir de sua percepção, do seu lugar, ou seja, ele "inventa" a história ao construir a sua narrativa, em seu ponto de vista, que é influenciada pelo presente. Além disso, a história surge vinculada à ideia de nação, de história da constituição de nação, dando a ela um passado, sendo inventada no presente.

Dessa forma, a historiografia está relacionada à dimensão espacial, geopolítica, uma vez que, ainda de acordo com Albuquerque Jr. (2021), o historiador faz história olhando para o mundo a partir de um dado lugar, de um determinado espaço, que é criado pela própria narrativa histórica, pois ela constrói espaços. Portanto, a geografia, da mesma forma, se relaciona às questões históricas e linguísticas, uma vez que estuda a relação do espaço com os sujeitos que interagem com ele. Assim, essas áreas do saber se relacionam à Linguística Aplicada neste estudo, pois são fundamentais nos estudos que abrangem *linguagem e território*, buscando compreender o contexto em que o enunciado está inserido e como a linguagem vai construindo os sentidos para dado lugar. Desse modo, como o recorte que faço em minha pesquisa trata do Nordeste/Sertão/Semiárido, essas áreas do saber se relacionam, pois, a LA entende a língua como uma atividade, como uma prática social, incluindo sujeitos, cultura, história, sociedade, etc., e, portanto, está preocupada em analisar como a linguagem atua na vida social, e, nesse sentido, incluindo a história e a geografia.

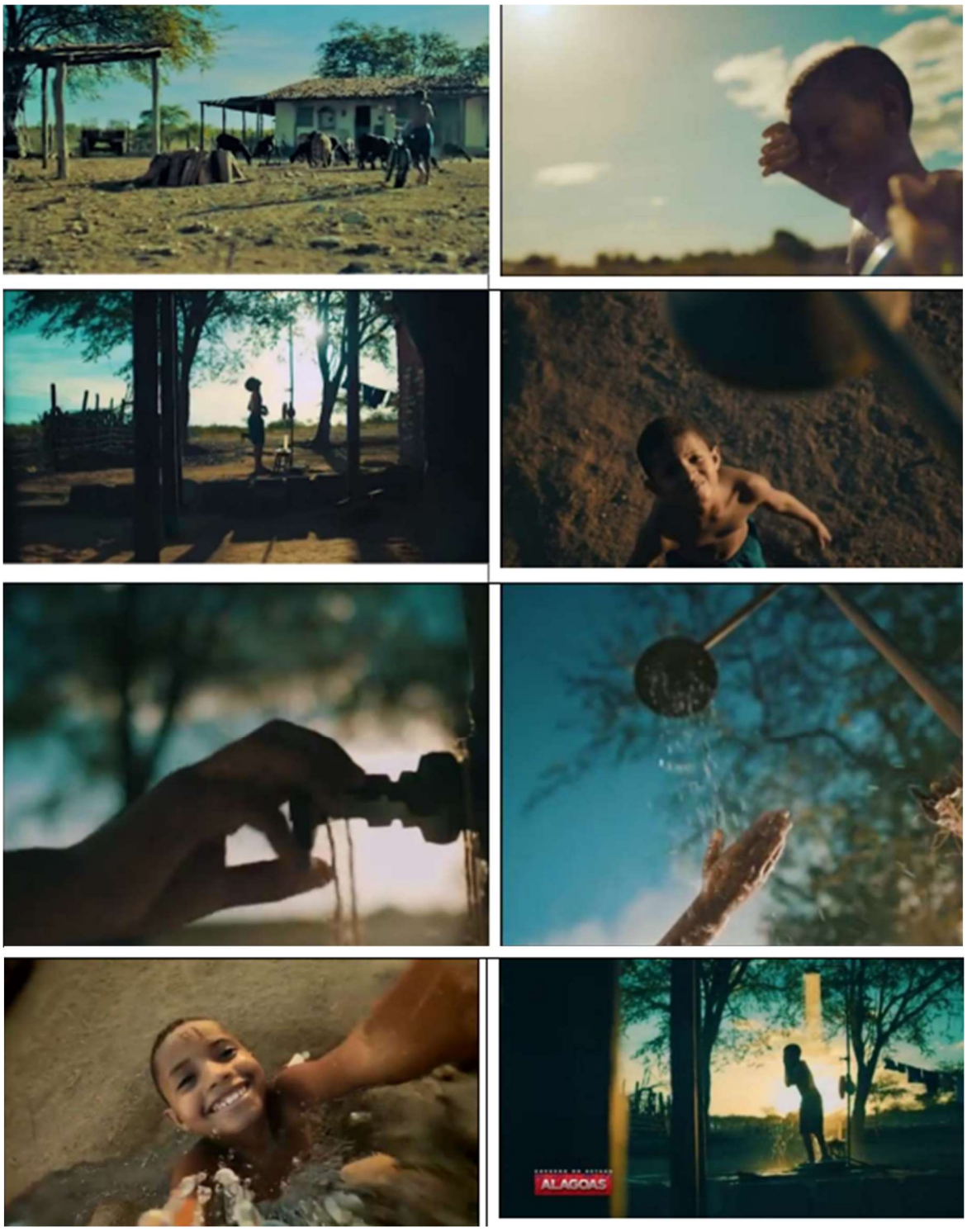
Conquanto, diferentemente do modelo cartesiano-positivista, que afasta o(a) pesquisador(a) de seu objeto, dando ideia de neutralidade, na LA temos o que Fabrício e Moita Lopes (2019) chamam de uma "proximidade crítica", postura investigativa em que o(a)

pesquisador(a) e sua subjetividade são fundamentais em sua pesquisa, não se separam. Além do mais, a pesquisa no campo da LA se dá de maneira interpretativista, buscando dados de forma qualitativa, se diferenciando, dessa maneira, da Linguística modernista. Além disso, essa pesquisa também se aproxima e se associa às teorias de Bakhtin e do Círculo em relação à noção de "enunciado concreto", conceito importante para pensar o processo de interação, num processo de análise que leva em consideração o contexto social, com os sujeitos e os usos que fazem da língua. Também se faz importante refletir sobre o gênero discursivo do livro didático, pertencente à esfera escolar, e como este propõe educar sobre o Sertão e para pensar o Sertão. Para as reflexões acerca dessa esfera escolar, trago as discussões de Esteves (2014,2016), Goulart (2009), Mendonça (2021) e Terra (2021), em específico para pensar acerca do livro didático e seu papel no processo educativo, bem como Santos (2021), para pensar o ensino da literatura.

A partir das discussões do Grupo de pesquisa, através dos textos trabalhados, é visto que os sentidos acerca de Sertão/Nordeste/Semiárido são forjados discursivamente enquanto um espaço de seca, miséria, fome, morte, e esses discursos são reproduzidos através das esferas do cotidiano, com narrativas generalistas e simplistas. Com isso, compreendi que, não apenas questões preconceituosas em relação ao território em que vivo, assim como com as pessoas e cultura local, mas trata-se de questões linguístico-discursivas forjadas sobre esse espaço que foram se consolidando e sendo reafirmadas principalmente através das literaturas. Além disso, para além da linguística, são questões também histórico-geográficas e ideológicas. Assim, a partir das discussões no Gelasal, minha visão acerca do Sertão/Nordeste mudou consideravelmente, ao ponto de me incomodar ao ler/ouvir algo que traga estereótipos em discursos para esse espaço. Por exemplo, em campanhas publicitárias que utilizam o discurso da seca para se autopromover, como a peça publicitária do governo de Alagoas[2], de 2018, que traz o enunciado de "combate à seca" como projeto político, mostrando pessoas simples, num ambiente de vegetação característica da caatinga, de terra rachada, com escassez de água, como pode ser vista na sequência de imagens a seguir:

[2] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=ec-HK0ZvDD0> Acesso em 20 de dezembro de 2021.

Figura 1: Imagens da peça publicitária do Governo de Alagoas acerca do projeto político direcionado ao Sertão



Fonte: Nascimento, 2018 (63-64)

Essa peça publicitária foi posta para discussão no Gelasal, momento em que tive a oportunidade de analisar e debater junto do(a)s demais participantes do Grupo acerca dos

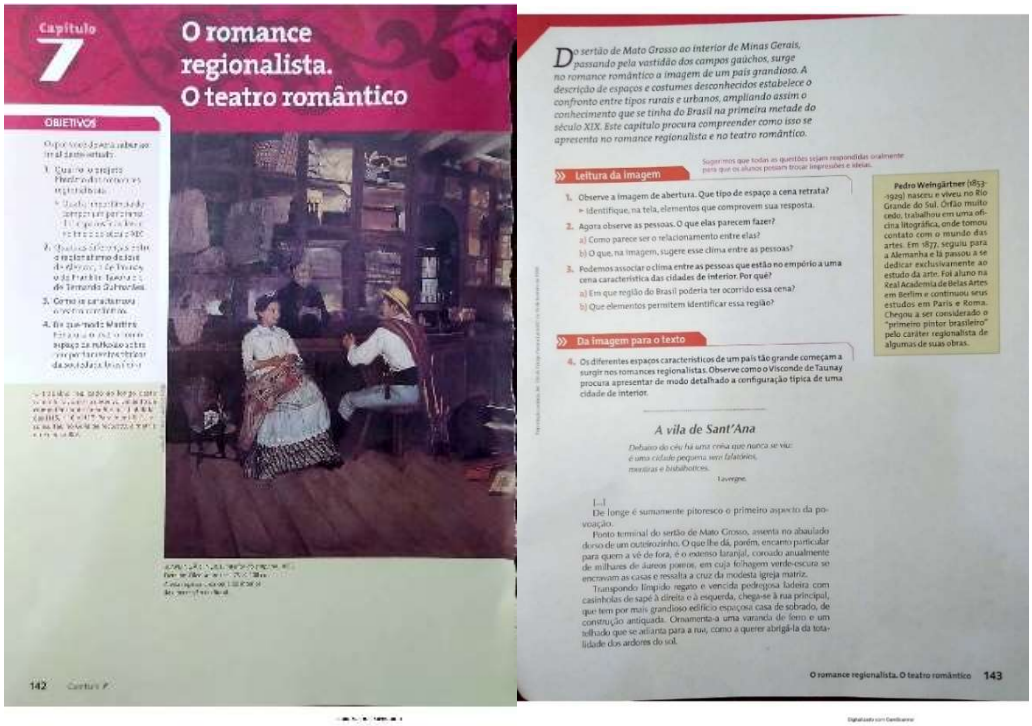
sentidos propostos na campanha, que, como visto, apenas reforçam a visão estereotipada acerca do Sertão/Nordeste/Semiárido ao utilizar essa imagem de um Sertão rural, seco, em que as pessoas clamam à Deus por ajuda, reforçando esse discurso da seca que é trazido desde o século XIX. Assim, na discussão foi observado que o vídeo da peça publicitária está sob uma perspectiva determinista, em que o meio é que vai determinar tudo. Ou seja, há esse Sertão firme e algo desse espaço, desse clima, é que vai determinando o próprio espaço/clima, além dos sujeitos que ali estão. Desse modo, o governo faz uso desse discurso da seca como forma de interpelar os sujeitos com o sentido de que ele é o salvador, que vai levar água e, consequentemente, dignidade às pessoas que vivem nesse Sertão seco. Nesse sentido, traz a ideia de que o governo vai "combater a seca", ajudando o(a)s sertanejo(a)s. Entretanto, como pude compreender com os debates com o Grupo, não se pode combater um fator climático, mas se adaptar a ele. Portanto, para eximir-se da responsabilidade de desenvolver projetos que de fato sejam efetivos nessa convivência com o clima semiárido, o governo faz uso desses discursos da seca em suas campanhas. Assim, todas as discussões e atividades de que participei no Gelasal me fizeram repensar esses discursos acerca do Sertão/Nordeste e a buscar/levar outras noções desse(s) espaço(s), mostrando sua multiplicidade.

Assim, visto que o imaginário acerca da região Nordeste, assim como o do Sertão, é envolto em estereotipias até os dias atuais, o meu problema de pesquisa é: **Quais sentidos são propostos pelas autoras dos capítulos dos livros didáticos acerca do "Sertão", "Nordeste", "seca", "Norte" e "interior" enquanto propostas de ensino de literatura regionalista?** Para tanto, trago, enquanto fundamentação teórica, as considerações de Albuquerque Júnior (1997, 2009, 2016, 2019, 2020, 2021) acerca da historiografia e dos discursos sobre/para a região Nordeste e o Sertão, juntamente com Santos Filho (2021, 2022) e Fontes (2019), com reflexões sobre os sentidos acerca dessa região; Moita Lopes (2014), Fabrício (2006) e Signorini (1998), com as teorias acerca das pesquisas em Linguística Aplicada, bem como Mussalim (2020), Miotello (2005), Santos Filho (2012a, 2012b) e Grillo (2006), que dão conta de pensar sobre os estudos de Bakhtin e o Círculo; e, por fim, os estudos acerca dos livros didáticos, do ensino da literatura e da esfera escolar, com Esteves (2014, 2016), Goulart (2009), Mendonça (2021), Terra (2021) e Santos (2021).

Conforme já mencionado, o *corpus* deste trabalho é composto por dois capítulos de livros didáticos do Ensino Médio, intitulados "O romance regionalista. O teatro romântico", do 2º ano, que pode ser visto na Figura 2, e "O romance de 1930", do 3º ano, mostrado na Figura 3, distribuídos em escolas estaduais públicas da cidade de Delmiro Gouveia, no Sertão de Alagoas. Ambos fazem parte da coleção "Português – contexto, interlocução e sentido", Figura

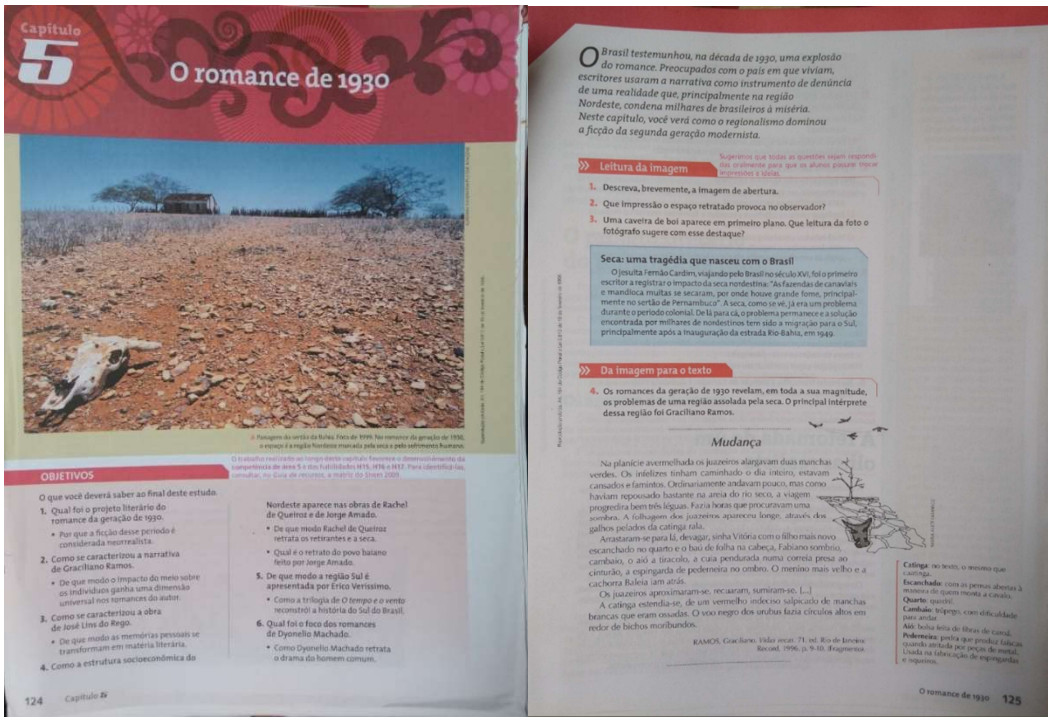
4, da Editora Moderna, de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara, de 2010. Os dois capítulos analisados trazem propostas de ensino de Literatura por meio de obras ditas regionalistas na disciplina de Língua Portuguesa.

Figura 2: Primeiras páginas do capítulo 7



Fonte: Abaurre, Abaurre e Pontara (2008, pág. 142-143)

Figura 3: Primeiras páginas do capítulo 5



Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 124-125)

Figura 4: Capas dos livros didáticos "Português: Contexto, interlocução e sentido" – volumes 3 e 2

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008)

Dessa forma, esse estudo está organizado de maneira a compreender como os sentidos de Nordeste, Sertão, Norte, interior, nos dois capítulos analisados, estão sendo propostos por meio dos enunciados escolares. Para tanto, trago, no capítulo 2, um breve histórico da Linguística Aplicada, para entender como se dá a pesquisa nessa área de estudos, bem como as teorias de Bakhtin e do Círculo sobre o enunciado concreto, com o objetivo de discutir como é feita uma análise enunciativo-discursiva. Já no capítulo 3, trago a historiografia do Nordeste e do Sertão, por meio dos estudos do pesquisador Duval Muniz de Albuquerque Júnior, para refletir como esses espaços foram criados discursivamente, e como sentidos estereotipados são afirmados e reafirmados até os dias de hoje. Ademais, no capítulo 4, faço a análise dos dois capítulos dos livros didáticos de Abaurre, Abaurre e Pontara (2008), apresentando os enunciados que as autoras propõem no ensino de literatura. Por fim, trago minhas considerações finais acerca da pesquisa, no capítulo 5, em que faço retorno aos meus objetivos e concluo que as propostas de sentidos em enunciados que são mobilizados nos dois capítulos didáticos analisados trazem uma noção simplista e estereotipada acerca do Sertão/Nordeste/Semiárido em suas lições para o ensino da literatura nas aulas de Língua Portuguesa.

Portanto, essa pesquisa se justifica por sua importância nos estudos linguísticos sobre os gêneros discursivos, principalmente para a Linguística Aplicada, por sua contribuição para

pensar a interface linguagem e território, em um estudo que pode se denominar de geografia discursiva. Além disso, pelo fato de a LA relacionar os estudos linguísticos aos sujeitos e suas práticas, também contribui para os estudos sociais e para a vida, uma vez que a vida social é forjada em textos e estes forjam a vida. Ajuda, então, a pensar como os discursos do gênero discursivo livro didático, pertencente à esfera escolar, influenciam em outras esferas, nas práticas sociais. No mais, é importante compreender como o ensino de literatura propõe sentidos acerca de “sertão”, “nordeste”, “seca”, “Norte” e “interior”, que são discursivamente construídos.

CAPÍTULO 2
LINGUÍSTICA APLICADA POR UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

A presente pesquisa trata, como dito anteriormente, de uma análise enunciativo-discursiva de dois capítulos de livros didáticos com propostas de ensino e aprendizagem acerca do Sertão/Nordeste/Semiárido por meio da literatura dita regionalista. Para tanto, o estudo se dá por meio da Linguística Aplicada indisciplinar e com relação aos estudos de Bakhtin e do Círculo acerca do enunciado concreto. Além disso, o estudo trata do gênero discursivo livro didático, pertencente à esfera escolar. Dessa forma, se faz necessário, antes de tudo, compreender como se dá o fazer pesquisa em tais perspectivas.

2.1 Linguística Aplicada: um breve histórico

Antes de se tornar a área de estudos que é hoje, a Linguística Aplicada surgiu na década de 1940, enquanto uma disciplina com foco no ensino e na aprendizagem de línguas no contexto de guerra. Já no Brasil, ela surgiu entre 1980-1990, focalizando no ensino de língua inglesa, mas com apontamentos de uma interdisciplinaridade e que novos paradigmas, ainda que no campo educacional. Desse modo, com o passar do tempo, a LA foi buscando novas maneiras de teorizar-se, com viradas/rupturas epistêmicas, abandonando teorias anteriores. Assim, deixou de lado as restrições de pesquisas no contexto de ensino de línguas e passou a focar nos usos situados na práxis humana, indo além das salas de aula (informação verbal)[3].

Com isso, a Linguística Aplicada, segundo Santos (2019), parafraseando Moita Lopes (1996), se desvinculou da teoria mãe (Linguística) com novos paradigmas, tornando-se, dessa forma, interdisciplinar. Ou seja, se torna uma área de estudos que permite a contribuição de outras disciplinas em suas análises. Além disso, de acordo com o autor, a LA agora está preocupada com a noção de língua real, com a linguagem em uso e, portanto, tem um objeto complexo, híbrido, não residual. Ela se afasta do método cartesiano-positivista, que está preocupado apenas em quantificar, sendo neutro e objetivista e que, portanto, não dá conta de pensar o mundo. Segundo Signorini (1998), a Linguística Aplicada tem buscado referência numa língua mais real, viva, utilizada por falantes reais em suas práticas também reais e específicas, com suas histórias, ideologias. Ela está, dessa forma, preocupada com os problemas do mundo real, com o social, com as ideologias, com a história, com os sujeitos e os usos que

[3] Fala dos pesquisadores Thiago da Silva Lima e Hugo Pedro Silva dos Santos Gelasal, UFAL, em 16 de fevereiro de 2022.

fazem da língua em suas práticas sociais. Portanto, o seu objeto (a linguagem) não é retirado de seu contexto para ser purificado, como é feito na linguística modernista. Por conta disso, Moita Lopes (2014) afirma que o que é feito com a LA indisciplinar aqui no Brasil, fora é tratado como Sociolinguística.

2.2 A área de pesquisa

A Linguística Aplicada é uma área de pesquisa que tem como objeto o texto, a língua em seu contexto social, com sujeitos, suas histórias e ideologias, nessa relação entre as práticas discursivas e as práticas sociais. Com isso, se distancia das correntes estruturalistas, que tomam a língua como homogênea, pura. Para a LA, a língua não pode se distanciar do social, pois entende que ela é viva e é por meio da interação que mobilizamos sentidos sobre o mundo, visando interpelar a partir dos quais somos interpelados. Nesse sentido, de acordo com Fabrício (2006), a LA compreende a linguagem enquanto prática social, em que se estuda não só a linguagem, mas também a cultura, a sociedade da qual faz parte. Além disso, entende que as práticas discursivas nunca são neutras, mas que há a presença de ideologia e de política. Portanto, como afirma Moita Lopes (2014), a pesquisa em Linguística Aplicada perpassa outras áreas do saber além da Linguística e esses campos vão se relacionando no decorrer dos estudos. No caso dessa pesquisa, por exemplo, que é linguístico-literária e geo-histórica, a pesquisa nessa área assume uma perspectiva trans/indisciplinar.

Com isso, a LA atua através de estudos com práticas linguísticas na perspectiva inter/transdisciplinar através de questões e epistemologias estimuladas pela vida social contemporânea (FABRÍCIO, 2006). Dessa forma, a Linguística Aplicada se preocupa em pensar diferente, com uma epistemologia desterritorializada, preocupada com os discursos emergentes, buscando compreender a sociedade (MOITA LOPES, 2014) e entender como as práticas discursivas influenciam as práticas sociais. Assim, busca um(a) pesquisador(a) mais crítico(a), que observe e problematize o mundo ao seu redor, estranhando discursos essencializados, tendo consciência das relações de poder nessas práticas de discurso, com ideologia e política; que possa compreender o que é dito, por quem, para quem, como é dito e para qual finalidade.

Dessa forma, o fazer pesquisa nessa área se dá de maneira interpretativista, buscando dados de maneira qualitativa, sem a busca por generalizações ou verdades absolutas, mas problematizando discursos e sentidos, produzindo conhecimento do mundo social, que Moita Lopes (2014) chama de “mundo complexo”. Nisso, a LA compreende que os sujeitos são

múltiplos, tem maneiras diversas de ser e viver, e isso não pode ser apagado/separado. Ademais, por ser interpretativista, segundo Moita Lopes (2014), o objeto não está dado, mas é construído durante a pesquisa e, assim, a prática teoriza a si mesma. Com isso, ao invés de fazer uso de conceitos já definidos, são/podem ser utilizados novos conceitos, criados no percurso por meio da redefinição do objeto de pesquisa (SIGNORINI, 1998). Nesse sentido, o objeto, a língua, não é retirada de seu contexto para ser analisada e a LA, então, visa, a partir de seu objeto, a língua(gem), compreender os sentidos que são propostos em enunciados. Ou seja, estuda as práticas de linguagem em seus contextos específicos.

2.3 A relação com os estudos de Bakhtin e o enunciado concreto

A noção de língua em LA se assemelha aos estudos bakhtinianos em relação ao enunciado concreto e as críticas que foram tecidas à linguística moderna. Dessa forma, Bakhtin e o Círculo formularam suas teorias com base na crítica que faziam ao formalismo russo e ao estruturalismo, pois esses separavam o fator social dos estudos linguísticos, tomando a língua como um sistema homogêneo, solto. Todavia, para eles, assim como na LA, a língua não pode ser separada do fator social, dos sujeitos e dos usos que estes fazem da língua(gem). Assim, partindo de tal crítica, segundo Santos Filho (2012a), eles traziam uma proposta diferente para os estudos em linguagem: a do enunciado concreto, do dialogismo. Nesse sentido, para eles, era necessário ver a linguagem como um constante processo de interação, sem separar do fator social, como se fazia no estruturalismo em Ferdinand de Saussure, que tratava a linguagem como um sistema autônomo, sem vida. Dessa forma, segundo o autor, os estudos com a linguagem precisam ser feitos situando os sujeitos e os usos que fazem da língua em determinado contexto social imediato, histórico, levando em conta a ideologia e os sentidos que são ali mobilizados. Portanto, assim como na Linguística Aplicada, os estudos bakhtinianos são opostos ao modelo cartesiano-positivista.

Além disso, para Mikhail Bakhtin e seu Círculo, o conceito de ideologia era fundamental. De acordo com Miotello (2005), Bakhtin e o Círculo teciam críticas às teorias marxistas sobre ideologia, que a tratavam enquanto uma falsa consciência, uma forma de dominação de classes, e críticas ao subjetivismo, que trazia a ideologia como algo interiorizado, que nascia na mente do homem, com consciência livre. Além do mais, criticavam a separação da língua e da sociedade, enquanto um sistema sem sujeito, pois para eles o social é intrínseco à linguagem. Assim, ainda de acordo com o pesquisador, partindo de tais teorias, esses filósofos da linguagem separaram a ideologia oficial da ideologia do cotidiano, em que a primeira se

refere à ideologia dominante, mais estável e que busca um sentido homogêneo sobre as coisas do mundo, e a segunda, que se trata das ideologias que surgem no dia a dia, nas conversas, nos sistemas de referência, no cotidiano social, sendo mais instável. Nesse sentido, a ideologia para o Círculo se referia a uma tomada de posição do sujeito, ao valor que concede a algo.

Quanto aos estudos em relação ao enunciado concreto, as teorias bakhtinianas tratam desse processo de dialogismo – em que o "eu" enuncia a um "outro" no discurso/enunciado – e, nesse processo de interação, os sujeitos tendem a se posicionar sobre as coisas do mundo, através da expressão, dando a sua valoração, a ideologia. Mussalim (2020) apresenta algumas considerações acerca dos estudos de Bakhtin e do Círculo e mostra como, no processo de interação, o "eu" e o "outro" apresentam valorações diferentes sobre as coisas do mundo. Ainda de acordo com essa autora, os sentidos nos enunciados sempre possuem uma dimensão avaliativa, em que expressam um posicionamento valorativo sobre algo. Ou seja, sua ideologia. Portanto, nenhum enunciado é neutro, pois sempre marca a ideologia daquele que o diz, que o produz, e está inserido em uma esfera de produção ideológica. Ademais, por ter caráter ideológico, possui significado e, portanto, é um signo. Assim, nenhum signo é neutro, mas sempre ideológico, pois são mediadores das coisas do mundo, onde os sujeitos não têm ligação direta com a realidade, visto que é por meio da semiótica que o mundo ganha sentido (MUSSALIM, 2020). Além disso, são sempre sociais, pois ocorrem na interação. Dessa forma, é através dos signos que expressamos nossos posicionamentos sobre o mundo, ou seja, nossa ideologia, e eles não apenas refletem, mas também refratam o mundo. Ademais, dependendo da esfera ou grupo social em que estejam inseridos, os signos podem significar de maneiras diferentes, pois carregam os sentidos de determinados gêneros, sendo plurais por representarem diferentes vozes. Logo, eles são sempre variáveis.

Assim, no processo de interação, quando o sujeito se depara com determinado signo em materiais semióticos, esse passa por um processo psíquico em sua mente, onde a consciência é construída e é exteriorizado para o outro através da expressão, na interação verbal. Assim, há o conteúdo interior, do pensamento, que é ressignificado, e o conteúdo exterior, da expressão, que é afetado pela ideologia de quem externa. Portanto, o discurso interior, do pensamento, não é fechado, mas subordinado às leis sociais e históricas, sendo forjado na relação do "eu" e do "outro" no discurso exterior (SANTOS FILHO, 2012a). Assim, os signos são mobilizados. Nesse sentido, o discurso só ganha vida quando é exteriorizado, na concretude do acontecimento, ou seja, no *enunciado concreto*. Com isso, nessa dinâmica histórico-ideológica, o dialogismo é sempre presente na língua, pois, como aponta Santos Filho (2012a), os sujeitos sempre estão em processo de interação com os outros, numa dialética entre discurso interior e

o exterior, em que os sentidos do outro se tornam os discursos do “eu”, que, em codificações posteriores, podem ser ressignificados, com posicionamentos e avaliações daquele que fala e também com relação de discursos exteriores. Dessa forma, o “outro” do discurso é coautor do enunciado do “eu”. Para Bakhtin e o Círculo, segundo Grillo (2006), a verdadeira substância da língua é concebida por meio da interação verbal, que também é social e acontece por meio da enunciação. Esses conceitos são muito importantes para os estudos backhtinianos. Ademais, é visto nesse processo a importância da relação social-histórica dos discursos/enunciados, que denotam os sujeitos que os expressam.

Para tanto, um outro conceito que também é de grande importância nos estudos de Bakhtin e do Círculo é, de acordo com Grillo (2006), o de esfera e de campo da comunicação discursiva, mobilizado para se compreender a relação entre os domínios da Sociologia, teoria literária e da Linguística. Diversas esferas de produção ideológica se relacionam na sociedade, e é delas que as ideologias são produzidas, afirmadas. Segundo a pesquisadora, cada esfera/campo tem uma lógica própria de produção ideológica, particular, que diz respeito à maneira como os discursos e ideologias se organizam. Assim, um mesmo signo pode ganhar sentidos valorativos diferentes, que vão dando às coisas, ao outro, a depender da esfera em que esteja. Por conta disso, Bakhtin observa os signos na concretude dos acontecimentos. Ademais, cada campo da criatividade ideológica, segundo ela, tem sua própria forma de refletir e refratar a realidade. Portanto, o conceito de esfera é importante para pensar a produção ideológica e como os sujeitos se organizam socialmente em cada uma delas, produzindo os discursos. Além do mais, de acordo com Santos Filho (2012a), socialmente há uma diversidade de enunciados que representam as diferentes esferas da atividade humana, tanto de sistemas ideologicamente organizados quanto os das comunicações na vida cotidiana.

2.4 Como é feita uma análise enunciativo-discursiva

Dessa maneira, para realizar uma pesquisa nessa perspectiva, a do enunciado concreto, se faz necessário compreender como se faz uma análise enunciativo-discursiva. Para tanto, é preciso entender que os textos fazem parte de nosso cotidiano, pois circulam em todos os lugares, em diversos gêneros discursivos. Eles estão relacionados em nossas vidas, pois as práticas discursivas influenciam as práticas sociais. Os textos criam mundos e quando olhamos para o mundo vemos os significados construídos desses textos. Os sujeitos criam diferentes percepções do/sobre o mundo com o uso da língua, criando categorias que são expressas através das enunciações. Dessa forma, é necessário pensar como esses textos vão nos construindo

enquanto sujeitos, como nos interpelam. Quando tomamos como verdade determinado enunciado, este se torna um fato social, e passamos adiante através da expressão. É dessa forma que as práticas discursivas vão se tornando práticas sociais, quando nos interpelam e vão moldando o senso comum.

Dessa maneira, é através do enunciado que produzimos os significados. Logo, ao fazer uma análise enunciativo-discursiva buscamos entender como esses sentidos são moldados nos textos, tendo em mente que os sentidos não estão dados, fixados nesses textos, mas são propostos no processo de dialogismo entre os sujeitos que dialogam entre si e com outros textos (SANTOS FILHO, 2012b), com o objetivo de interpelar. Para isso, é necessário ponderar que o ato de ler não se refere apenas à ação de decodificar um texto, em que um sujeito apenas captura o que está ali exposto ou expõe sua opinião sobre o conteúdo. Mas, se trata de inferir as informações presentes no texto, seja de forma explícita ou implícita, além de possíveis lacunas e pistas espalhadas, por meio das palavras, que, muitas vezes, podem passar despercebidas pelo(a) leitor(a), e, após, inferir que sentidos estão sendo mobilizados, se aproximando ou não do que está sendo proposto no texto. Todavia, também se faz importante lembrar que um texto não traz uma realidade, mas uma proposta de realidade que pode ou não ser tomada como verdade pelo(a) leitor(a). Portanto, se trata de uma análise enunciativo-discursiva, porque a língua se materializa nos enunciados concretos, em gêneros discursivos específicos, e pelo fato desses enunciados se inserirem na vida social e na cultura, nesse diálogo com enunciados anteriores.

Ademais, essa teoria bakhtiniana é de grande relevância para os estudos linguísticos contemporâneos e para essa pesquisa, em relação com a LA. Nesse caso, entendemos a língua enquanto enunciação, nesse processo de interação entre sujeitos, em uma situação/contexto específico, situando o gênero discursivo ao qual pertence, bem como a esfera. Nisso, há a relação da história, da ideologia, dos fatores sociais, etc., que são relevantes para a análise, com o objetivo de compreender como os sentidos são propostos nesses enunciados/discursos. Além disso, também há a relação de significação e tema, próprios de cada gênero, e como estes vão mobilizando vozes anteriores para afirmar seu discurso. No caso dessa pesquisa, os enunciados são mobilizados no gênero discursivo livro didático, pertencente à esfera escolar, e as propostas de sentidos que vão sendo organizadas vão moldando o tema apresentado pelas autoras, que trata do ensino literário de romances regionalistas. Para tanto, elas mobilizam discursos/vozes anteriores com as obras literárias dos séculos XIX e XX, para reafirmar os sentidos que desejam propor. Com isso, é importante refletir sobre que propostas de sentidos são essas que as autoras utilizam nos materiais didáticos e como esses mobilizam esses enunciados. Também é

importante pensar que ensino elas propõem acerca da região Nordeste e do Sertão, em especial quando sabemos que também esse material foi destinado para alunos e alunas sertanejo(a)s. Que interpelação esperam com os livros didáticos?

Portanto, essa pesquisa busca fazer uma análise por meio da Linguística Aplicada, que objetiva refletir e problematizar os sentidos, sem fazer generalizações, e, dessa forma, interessa pensar essa relação texto-vida, visando entender como as práticas discursivas se relacionam às práticas sociais e vice e versa, analisando os textos para compreender a vida, Assim, a partir dessas teorias, farei uma análise enunciativo-discursiva dos materiais didáticos para refletir como os sentidos que são propostos pelas autoras acerca do Sertão/nordeste. Para tanto, é necessário compreender como os sentidos acerca dessa região foram sendo moldados através de discursos afirmados e reafirmados durante o tempo. Veremos essa abordagem no próximo capítulo.

CAPITULO 3
LINGUAGEM E TERRITÓRIO: O SERTÃO E O NORDESTE

Como explanado no capítulo anterior, essa pesquisa se dá por meio da Linguística Aplicada indisciplinar, numa perspectiva interacionista da linguagem, trabalhando com o fator social, e, com isso, ela se relaciona com as teorias bakhtinianas acerca do enunciado concreto, no processo de dialogismo com essa interação "eu" – "outro" do discurso. Dessa maneira, visto que os materiais didáticos analisados se propõem a ensinar a literatura dita regionalista, trazendo enquanto tema o Sertão/Nordeste nessas obras literárias, é preciso, como dito anteriormente, da contribuição de outras áreas do saber além da linguística para esse tipo de estudo, e a LA permite, por ser trans/interdisciplinar. Dessa forma, será feita uma análise enunciativo-discursiva, levando em conta não apenas a linguagem, mas as questões histórico-geográficas que envolvem a temática.

Assim, por se tratar de uma pesquisa sobre linguagem e território, os conhecimentos da história e da geografia se fazem necessários para compreender essa relação dos discursos com o espaço do Sertão e do Nordeste. Para isso, essa pesquisa, assim como os estudos realizados no Gelasal, dialoga fortemente com os estudos do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior acerca desses espaços. Dessa maneira, utilizamos a chamada geo-história discursiva que, para Albuquerque Jr. (2021), diz respeito à história enquanto uma interpretação, pois o(a) pesquisador(a) não olha para o passado e o narra, mas traz a história sob sua perspectiva, com o seu olhar influenciado pelo presente. Portanto, lidamos com a noção de história enquanto "invenção".

Uma outra noção importante da geo-história discursiva é a de espaço. Assim, segundo Santos Filho (2022), os territórios são criados discursivamente pelos sujeitos em suas práticas sociais em que vão atribuindo sentidos a esses espaços. É necessário salientar que não me refiro aos espaços "físicos", mas sua dimensão semântica, no campo das ideias, da cultura, no espaço socio-político. Portanto, eles ganham sentidos por meio dos discursos, que vão determinado as suas características. No mais, essa delimitação que é feita com os territórios/espaços tem uma valoração e, portanto, uma ideologia. Para compreender melhor como se dá esse processo da criação de espaços, podemos trazer como exemplo o projeto de Lei 337/22, que tem por objetivo a retirada do estado do Mato Grosso da área da chamada Amazônia Legal[4], para diminuir esse espaço de reversa legal da floresta solicitada pelos produtores mato-grossenses por interesses

[4] Disponível em: < https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28> Acesso em 22 de janeiro de 2023.

econômicos em favor do agronegócio. Vale destacar que a Amazônia Legal é uma área que corresponde a 59% do território brasileiro e engloba a totalidade de oito estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e parte do Estado do Maranhão (a oeste do meridiano de 44ºW), perfazendo 5,0 milhões de km². Dessa forma, vemos, na perspectiva de geo-histórica discursiva, que esses espaços são criados discursivamente com alguma valoração, com uma ideologia, e, com isso, vão ganhando novos sentidos. Além do mais, tendo a história como invenção, é necessário repensar acerca dos sentidos essencializados sobre os espaços e os sujeitos.

Sendo assim, para essa pesquisa, por tratar de linguagem e território, se faz importante entender como o espaço do Nordeste/Sertão foi criado e reafirmado discursivamente, bem como quais sentidos foram forjados sobre esse território enquanto espaço de seca, de morte. Além disso, visamos compreender as noções de interior, Norte e Semiárido e sua relação geo-histórica.

3.1 Nordeste e Sertão: uma breve historiografia

Quando se fala em Sertão e Nordeste, temos a ideia de que esses espaços sempre existiram, que são históricos, sempre estiveram lá. Entretanto, foram criações recentes e, como discutido anteriormente, são espaços que foram criados discursivamente a partir de uma dada valoração. Baseando-me nos estudos historiográficos do pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, trarei, então, o processo desenvolvido pelo historiador que vai desde a criação do Nordeste e do Sertão, bem como os sentidos que acompanham esse território, carregados de estereótipos, que são forjados e reafirmados discursivamente até os dias de hoje.

Dessa forma, acompanhando a linha temporal desenvolvida pelo pesquisador, entendemos que a palavra "sertão" nem sempre se referia ao território nordestino, como afastado da capital e carregado de estereotipias. No entanto, de acordo com Albuquerque Jr. (2020), a expressão "sertão" era utilizada, inicialmente, no século XV, para designar terras inóspitas, inabitadas, do interior, e esse sentido foi preservado até o século XVIII, no período da colonização brasileira, em que "sertão" representava espaços de florestas densas e distantes do litoral. Ou seja, todo o território brasileiro possuía lugares definidos como sertão. Essa definição pode ser encontrada, por exemplo, na carta de Pero Vaz de Caminha, na passagem em que ele diz que "pelo **sertão** nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa", citando as florestas inexploradas ao longe do litoral brasileiro.

Ademais, Santos Filho e Santos (2021), citando Albuquerque Jr. (2019), afirmam que à medida que a palavra "sertão" era utilizada para definir os espaços distantes do litoral e conforme as terras eram exploradas/cultivadas, se tornando lugares ainda mais distantes, esse espaço do sertão foi se transformando no "outro", no distante, no espaço sem civilização. Com isso, no século XIX, a palavra "sertão" passou a ser utilizada para nomear os territórios distantes das províncias brasileiras do litoral, como primitivos, sem a presença do Estado. Como exemplo dessa definição de sertão, de acordo com os autores, está a obra literária *Iracema* (1865), de José de Alencar, na qual esse espaço era retratado enquanto terras de grande beleza, com florestas densas e verdes e belas cachoeiras, porém um lugar inviável para se viver.

Outrossim, é importante destacar que, até essa época, o Nordeste ainda não existia, mas as terras que hoje o definem eram declaradas províncias do Norte. Dessa forma, de acordo com Santos Filho e Santos (2021), ainda no século XIX um acontecimento mudou a percepção que se tinha dessa região na época: a chamada "grande seca do Ceará", que ocorreu entre 1877 e 1879. Essa, aliada à instabilidade econômica que vinha sendo enfrentada pelas províncias do Norte naquele momento, acabou se tornando a "seca do Norte", devido à elite intelectual, financeira e política nortista da época, que, por interesses políticos e econômicos, transformou esse acontecimento da seca em um aspecto de toda a região Norte. Por conta disso, a noção de seca acaba sendo atrelada à de sertão, cangaço, coronelismo etc. Ou seja, outros sentidos são atrelados aos de sertão: Norte seco. Além disso, esse sentido de "Norte seco" foi sendo reforçado pelas diversas esferas do cotidiano, como a midiática e científica, entre outras, e, principalmente, a literária, que teve grande papel nessa repercussão.

Assim, seguindo com os fatos relevantes para a criação desse sentido de Norte/Sertão seco, é importante dar destaque para uma das principais responsáveis por forjar esses sentidos: a literatura do final do século XIX, mais conhecida como "literatura das secas". Um dos propulsores dessa literatura foi o autor Franklin Távora ao propor que a literatura precisava trazer características locais para ser genuinamente brasileira e que as obras literárias produzidas no Sul tinham muita influência das moldagens estrangeiras. Dessa forma, para ele, era preciso trazer uma "literatura do Norte", que representasse a verdadeira literatura nacional, diferente das obras sulistas. Assim, influenciado pelas elites nortistas da época, Franklin Távora afirmava que essas obras deviam apresentar o Norte enquanto uma terra de seca, um sertão de pessoas rudes e ignorantes, um lugar tomado pelo coronelismo e pelo cangaço. Para ele, então, essas eram as características que representavam a literatura brasileira. Isso pode ser visto em seu romance *O cabeleira*, de 1876, em que Franklin Távora tece uma crítica ao escritor José de Alencar no prefácio do livro, afirmando que esse autor não fazia uma literatura nacional, pois

não retratava o Norte em suas obras, apesar de ser filho da terra, mas que seguia os moldes da literatura do Sul. Assim, foi nesse momento que a palavra "sertão" passou a designar um espaço de seca, sem recursos, por conta da crise econômica e política das elites nortistas atreladas à grande seca de 1877 e reforçada pelas produções literárias da época. Ou seja, de acordo com Albuquerque Jr. (2020), é nesse momento que a palavra "sertão" é "capturada" e ganha novos sentidos a partir das necessidades das elites do Norte.

Ademais, de acordo com a linha temporal de Durval Muniz de Albuquerque Junior, o Nordeste foi criado no século XX, no ano de 1919, devido à chamada Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS, que passou a atuar nessa região, que antes era delimitada como Norte seco pelos discursos das elites da época, e, dessa forma, foi definida como Nordeste. Com isso, essa região herda os sentidos que antes eram das províncias do Norte enquanto um lugar de seca, da pobreza, do atraso, da saudade. Nesse sentido, de acordo com Albuquerque Jr. (2009), cria-se essa identidade para o Nordeste que é sempre "natural", "neutro" ou "histórico", com o objetivo de negá-lo enquanto objeto político-cultural. Sendo assim, "essa identidade inventada nasce de uma necessidade de dominação política e constitui uma estratégia da elite aliada à classe política para reduzir o impacto que as secas e a perda da mão de obra escrava exerciam sobre seus lucros" (FONTES, 2019, p. 53).

Assim, como afirma Albuquerque Jr. (2009), o Nordeste é criado a partir dessa construção político-cultural em reação aos espaços econômicos e políticos perdidos pelos produtores de açúcar e algodão, e dos intelectuais e comerciantes que estavam com eles. Dessa maneira, essa região, que antes era designada como "Norte seco", tem os mesmos sentidos capturados, passando a ser esse espaço igualmente da seca, do cangaço, da pobreza, do coronelismo etc., e se perpetuam até os dias atuais. Portanto, nas palavras de Albuquerque Jr. (2019), o Nordeste foi uma invenção reacionária, patriarcal, conservadora e aristocrática quando foi o centro da política nacional. Um fato importante a se apontar é que só em 1969 a região Nordeste foi oficialmente reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE com suas sub-regiões da zona da mata, agreste, meio-norte e "sertão".

Contudo, ainda no século XX, uma das maiores responsáveis por afirmar e reafirmar esses sentidos e discursos do século anterior de um Sertão seco, desabitado, sem vida e espaço de migração foi a literatura. Um dos grandes responsáveis da imagem do Sertão dessa forma e que inspirou autores(as) mais tarde foi Euclides da Cunha, com seu romance *Os Sertões* (1902), em que narra os acontecimentos da guerra de Canudos, na Bahia, entre 1896 e 1897. Nele, o autor traz a imagem do Sertão com uma descrição de uma passagem de seca, com fauna e flora características da caatinga. Posteriormente, alimentados pelos mesmos sentidos, diversas

autoras e autores escreveram sobre a paisagem do Sertão nordestino enquanto terra de seca, de solo rachado, com escassez de água e comida, com sujeitos rústicos, sem educação, com linguajar simples, sendo muitos deles retirantes em busca de melhores condições de vida. Essa literatura, então, ficou conhecida como "literatura de 30". Dessa forma, o Sertão era retratado em discursos, segundo Albuquerque Jr. (2019), enquanto um lugar do passado, histórico, sempre distante da modernidade, da tecnologia, de um tempo anterior. Ainda de acordo com o autor, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Gilberto Freyre, entre outros artistas, escreviam com a influência dos discursos das elites que capturaram a seca, monopolizando-a, sob a justificativa do discurso regionalista.

O Sertão, assim, passa a ser retratado nas diversas formas de representação artísticas de maneira caricata, levando sempre os mesmos sentidos estereotipados. Todavia, segundo Albuquerque Jr. (2016), alguns artistas trazem novas noções de Sertão/Nordeste em suas produções na segunda metade do século XX, com um novo olhar sobre a temática nordestina, sua paisagem e cultura, e assim "constitui-se o que se poderia chamar de novas visibilidades e dizibilidades sobre este espaço definido como regional, em todas as suas dimensões" (ALBUQUERQUE JR., p. 53). Ainda segundo esse autor, com os movimentos culturais de contracultura ocorridos no Brasil nos anos sessenta, que passaram por repaginação cultural no país vindas da antropofagia oswaldiana, esses discursos simplistas acerca do Sertão/Nordeste do século XX vão perdendo força e surge a necessidade de uma nova formação discursiva devido a uma crise desse imaginário regional nordestino que se perpetuou por tanto tempo.

Dessa forma, outros sentidos sobre esse espaço passam a ser retratados por diversos artistas desses movimentos. Aliado a isso, as diversas transformações históricas ocorridas na região levaram a uma discrepância entre os enunciados advindos do imaginário perpetuado através de discursos anteriores e as mudanças que foram acontecendo na região com a urbanização crescente, dando ao Nordeste/Sertão uma outra visão, uma outra realidade. Como pontua Albuquerque Jr. (2016), a população do campo, ao migrar para as cidades das capitais ou de cidades do centro-sul, provocam a mistura de informações do Sertão com as de outros lugares através da globalização. Além disso, com essa crescente urbanização, vieram os polos industriais proporcionados pela SUDENE[5] e o Nordeste passa, então, a viver com a "lógica da

[5] A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma que tem por função promover o desenvolvimento includente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional. Disponível em: http://antigo.sudene.gov.br/institucional/competencias-e-organograma. Acesso em 15 jan, 2023.

capital industrial". Com o avanço da globalização diversas mudanças foram ocorrendo na região, com influencias de todo o mundo, e a sociedade nordestina se torna mais diversificada.

Entretanto, apesar dos movimentos artísticos trazerem noções outras de Sertão, os discursos da literatura ainda têm mais força, estando enraizados em nossa sociedade até os dias de hoje. São discursos e sentidos que são sempre reafirmados nas diversas esferas da produção humana, em diferentes gêneros discursivos. A literatura faz a manutenção dos discursos estereotipados sobre o Sertão com intuitos financeiros e políticos das elites, pois é produtivo e rentável essa circulação. Assim, esses sentidos vão se naturalizando nesse contexto sócio-político-histórico. Enquanto outras regiões do Brasil têm interior, o Nordeste tem Sertão. Nas palavras de Fontes (2019), o Sertão/Nordeste é retratado como um lugar tomado pela seca, pela miséria, onde homem e a paisagem árida se fundem como um só, em que o meio influencia o sujeito, que se torna meio animalesco, sem vida, em busca de sobrevivência ao fugir de tal lugar tão inóspito. Tal imaginário acerca desse espaço se dá, principalmente, pelas narrativas repetitivas das obras literárias do século XX, em especial a chamada "literatura da seca". Dessa maneira, esses discursos e sentidos sobre o sertão foram ganhando força através dessas obras literárias e demais artes que o perseveram até os dias atuais. Até mesmo eu, sertaneja e nordestina, de Alagoas, tenho esse imaginário do qual não consigo me desprender por completo.

Pensando nisso, é importante fazer pesquisas acerca desse tema, levando reflexões acerca desses discursos/sentidos envoltos em estereotipias sobre/para o Sertão/Nordeste. Também repensar acerca dessas obras literárias que trazem esses sentidos, apresentando noções outras de Sertão, mostrando o quão múltiplo o sertão é. Assim, é necessário promover práticas de resistência, indo contra os sentidos essencializados. Quanto à esfera escolar, mais precisamente falando dos livros didáticos, é necessário observar se estes participam ou não desse processo de remodelar o Sertão/Nordeste, levando aos estudantes sentidos outros que não apenas aqueles afirmados nas obras literárias regionalistas que trazem em sua didática. Nesse sentido, analisarei os dois capítulos anteriormente citados, buscando compreender quais sentidos de Sertão as autoras estão propondo para o ensino da literatura, no ensino de Língua Portuguesa.

CAPITULO 4
LIÇÕES ESCOLARES SOBRE *SERTÃO*, *NORDESTE*, *NORTE*, *INTERIOR* E *SEMIÁRIDO*

Como foi apontado até aqui, essa pesquisa propõe uma análise enunciativo-discursiva, na perspectiva da Linguística Aplicada, refletindo sobre os arranjos e rearranjos linguístico-enunciativos presentes no gênero discursivo livro didático, gênero pertencente à esfera escolar. Assim, como trazido no histórico da LA e das teorias bakhtinianas, a língua precisa ser analisada levando em consideração seu contexto, com os sujeitos e os usos que fazem dela, além da história, da ideologia, do social. Com isso, observar como os sentidos são mobilizados nesse processo de interação. No caso desse estudo, que traz discussões que envolvem o Sertão/Nordeste, buscar compreender quais propostas de sentidos são efetivadas em livros didáticos nos enunciados acerca dessa região, se reforçam ou não os discursos estereotipados afirmados pelas literaturas dos séculos XIX e XX, como vimos no capítulo 3. Desse modo, essa pesquisa traz uma análise de dois capítulos de livros didáticos, observando os discursos mobilizados pelas autoras acerca do Sertão e Nordeste através de obras literárias enquanto proposta de ensino, observando os enunciados e os sentidos que são propostos.

Dessa forma, essa pesquisa é feita a partir de análises de enunciados/discursos, observando quais sentidos são mobilizados, levando em conta o gênero discursivo em que está situado, bem como a esfera ao qual pertence esse gênero. Com isso, como esse estudo se trata do gênero discursivo livro didático, inserido na esfera escolar, é necessário pensar a respeito de como esse material está organizado, quais sentidos acerca do Sertão/Nordeste as autoras mobilizam em seus enunciados e com qual objetivo. Assim, para fazer uma análise enunciativo-discursiva, como foi trazido anteriormente, é preciso compreender que os enunciados concretos se dão no processo de interação entre o "eu" e o "outro" no discurso, num gênero específico, onde a língua se materializa, além de se inserirem na vida social e cultural, dialogando com discursos anteriores nesse processo de dialogismo.

Essa pesquisa, então, tem como *corpus* de análise dois capítulos de livros didáticos da coleção "Português – contexto, interlocução e sentido", da Editora Moderna, destinados a turmas do Ensino Médio. Os capítulos 7 e 5 têm como títulos, respectivamente, "O romance regionalista. O teatro romântico", do 2º ano, e "O romance de 1930", do 3º ano. Ambos são da autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara. Ademais, os livros didáticos foram publicados em 2008, sendo distribuídos em escolas públicas de Educação Básica em 2010, inclusive em escolas públicas estaduais da cidade de Delmiro Gouveia, no

Sertão alagoano. Os dois livros mencionados estão para ensino do componente curricular de Língua Portuguesa, sendo ambos os capítulos focados no ensino de literatura. Além disso, os materiais que analiso são guias/manuais do(a)/para o(a) professor(a) e trazem informações e recomendações/intervenções pedagógicas, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento das atividades pelo(a)s estudantes, assim como dicas de como aplicar as discussões em salas de aula. No mais, por se tratar de livros didáticos, é necessário refletir acerca do processo de ensino e aprendizagem sobre/para o Sertão e o Nordeste em escolas sertanejas, destinado a estudantes sertanejos(as), em um ensino que se propõe linguístico-literário e histórico-geográfico acerca desses espaços. Para tanto, é importante refletir sobre quem está ofertando esse ensino, qual a ideologia.

4.1 O livro didático e a esfera escolar

Ademais, também é importante pensar a respeito a quem esse gênero discursivo está destinado. Nesse caso, o livro didático tem como leitore(a)s estudantes e docentes. Nesse sentido, levando em conta que os materiais aqui analisados são direcionados ao 2º e 3º ano do Ensino Médio, grande parte dos alunos e alunas são adolescentes que já passaram por um processo de aprendizagem no ensino fundamental e trazem uma bagagem de aprendizados consigo. Além disso, ele(a)s estão se preparando para o nível superior e/ou mercado de trabalho, então buscam se encontrar em algo, descobrir e questionar as coisas, o mundo. Estão na fase de amadurecimento e descobrimento. Dessa forma, como descrito no Guia do livro didático do PNLD, "o jovem do EM pode dar a sua aprendizagem escolar significados sociais, culturais e políticos imediatos, combatendo, portanto, a escolarização estéril dos conhecimentos" (BRASIL, 2011, p. 9).

Assim, o gênero discursivo livro didático tem enquanto função social auxiliar o(a)s docentes e o(a)s estudantes no processo de ensino e aprendizagem, sendo um dos principais instrumentos utilizados para esta finalidade. Ademais, é importante refletir sobre a esfera ao qual pertence, sendo a escolar, e qual sua função ideológica. Nesse sentido, Esteves (2016) nos alerta que o material didático é, antes de tudo, retirado da estrutura maior que é o currículo e, dessa forma, seus conteúdos não foram selecionados de forma neutra, mas com uma intencionalidade, ou seja, há a ideologia presente nele. Portanto, por fazer parte da esfera escolar, de ideologia oficial, os livros didáticos seguem seus moldes, trazendo propostas de sentidos que se pretendem únicas, homogêneas e unificadoras. Assim, eles refletem, segundo essa pesquisadora, o que os elaboradores ditam como o melhor para o ensino, o que os alunos

e as alunas precisam aprender. Portanto, seguindo as premissas dessa esfera de produção ideológica, no livro didático encontra-se o posicionamento daqueles que o fizeram, que pode ser visto explícita ou implicitamente na estrutura do material. Dessa maneira, esse gênero discursivo tem como função ideológica unificar o ensino, levando sentidos únicos em seus enunciados sem abertura para intervenções por meio do(a)s professore(a)s ou do(a)s estudantes nas discussões. Nesse sentido, Goulart (2009) nos alerta para a função que a escola desempenha, de base capitalista, que é formar um cidadão passivo, mínimo, alienado, com saberes unificadores que homogeneíza sujeitos e sentidos, retirando a possibilidade de criação de novos conhecimentos. Com isso, a esfera escolar tem grande influência na formação de sujeitos, na maneira particular de produção humana, tematizando a vida. Ela dialoga com as outras esferas para continuar afirmando e reforçando os discursos da ideologia oficial ao qual pertence. Portanto, por ser um gênero discursivo escolar, o livro didático possui enunciados próprios que o caracterizam, na situação imediata da sala de aula, que é onde o dialogismo acontece, lugar onde o "eu" do enunciado, nesse caso as autoras dos livros, o currículo e a editora, que julgam o conteúdo como "adequado", com os sentidos propostos como o melhor para o "outro", os(as) estudantes e professores(as), imprimem sua posição valorativa.

Contudo, é sabido que os livros didáticos são, até os dias atuais, um dos mais importantes instrumentos de auxílio no processo de ensino e aprendizagem, pertencente a essa esfera escolar. São regulados pelos documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e são destinados ao ensino regular. Atualmente, podem ser encontrados em diversos formatos, seja impresso, em PDF, etc., e mudaram em diversos aspectos conforme o tempo. Com isso, é de grande importância refletir sobre essas mudanças ocorridas e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, Terra (2021) afirma que o primeiro livro didático, assim considerado, foi a *Antologia Nacional*[6], de 1895. Esse livro, por sua vez, seguia os moldes portugueses, incluindo apenas autores brasileiros e portugueses já falecidos, e era formado apenas por textos ao qual o(a) professor(a) utilizava em suas aulas, não possuindo exercícios ou imagens. Esses textos, por sua vez, eram escolhidos rigorosamente de acordo com o modelo de língua, formando um cânone. Com o passar do tempo, ainda segundo o autor, entre as décadas de 1950 e 1960 os livros didáticos passaram a trazer uma metodologia aos docentes, com indicações, além de ser dividido em séries, por conta da expansão das redes de escolas, e começaram a trazer autores mais modernos, mudando o cânone. Já a partir dos anos 70, por conta da maior jornada de trabalho do(a)s professore(a)s, se fazia necessário um

[6] A Antologia Nacional foi utilizada durante 74 anos nas escolas públicas brasileiras (TERRA, 2021).

livro didático que oferecesse exercícios, orientações para o(a)s docentes, imagens, e não apenas textos. Dessa forma, como afirma o pesquisador, um novo livro didático foi produzido por professore(a)s da rede pública de ensino para atender a essas necessidades. A partir daí ele apresenta uma metodologia explícita no ensino de Língua, apresentando mais cores, aulas planejadas, gêneros textuais diversos, manuais para docentes, entre outras coisas. Dessa maneira, o livro didático passa mostrar como se didatiza ensino de Língua Portuguesa. Ademais, outros marcos importantes influenciaram esse processo, como a criação do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, do MEC, em 1985, sendo o maior comprador de livros didáticos do país e, segundo Mendonça (2021), no final dos anos 90, passou a garantir aos alunos e alunas brasileiro(a)s o direito a livros didáticos de qualidade. Também ocorreu a avaliação do livro didático, em 1996, com o Guia do Livro Didático, que ajuda na escolha do material, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs com suas orientações para cada disciplina, hoje, a BNCC.

Todavia, é necessário compreender que, segundo Mendonça (2021, p. 2), os livros didáticos fazem "parte da paisagem pedagógica, eles não só a compõem, como permeiam e medeiam práticas sociais nas quais a leitura e a escrita constituem as interações, as tais práticas de letramento". Assim, o livro didático é uma ferramenta pedagógica essencial no processo de ensino e aprendizagem, de grande importância nesse processo de letramento, ajudando o(a) docente como um guia no planejamento e metodologia das aulas, além de incentivar o processo de leitura do(a)s estudantes. Assim, seus conteúdos abrangem assuntos de cada disciplina, entre textos informativos, exercícios, indicações, imagens, gráficos e etc. Contudo, de acordo com Esteves (2014), o livro didático, instrumento de auxílio no processo de ensino e aprendizagem, não deve ser utilizado/visto como a fonte principal de conhecimento, pois o(a) estudante não vai aprender através dele, mas com as metodologias utilizadas pelo(a) professor(a).

Ademais, os dois livros didáticos que analiso, ambos de 2010, seguem as orientações dos PCNs acerca do ensino de Língua Portuguesa, sendo, nesse caso, dois capítulos voltados para o ensino da literatura. Cada área do conhecimento, segundo Esteves (2014), possui uma linguagem e simbologia próprias, pois, por ter sido escrito para dois leitores, o(a)s estudantes e o(a)s docentes, precisa ser adequado. Assim, sé preciso observar como o livro didático está organizado discursivamente, pois, por se tratar de um gênero discursivo específico, possui enunciados organizados com uma estrutura e estilo próprios. Ainda segundo Esteves (2014), ao escolher o livro didático mais apropriado para a turma, o(a) docente precisa observar como se encontra a apresentação e a presença de conteúdos, quais atividades práticas estão propostas e o tipo, os exercícios e a presença ou não de interdisciplinaridade. Dessa maneira, esses materiais

didáticos, por fazerem parte da esfera escolar, no campo educacional, possuem um estilo de linguagem específico, com recursos semióticos característicos do gênero discursivo, pois, como afirma Goulart (2009), os enunciados refletem as finalidades dos diferentes campos da atividade humana, tendo conteúdo específico, tema e estilo da linguagem próprios.

4.2 A estrutura dos livros didáticos, *corpus* de análise

Pensando nisso, é visto que os dois materiais didáticos aqui analisados trazem essa estrutura metodológica para auxiliar o(a)s professore(a)s, trazendo intervenções com dicas e observações, característicos de manuais, além de diversos exercícios discursivos e objetivos, explicações acerca do assunto abordado com trechos de obras literárias, caixas de diálogos, informações adicionais, como observações e biografias de autores, gráficos e linhas temporais com fatos históricos. Além do mais, no início de cada capítulo como informação ao professor(a), as autoras informam que os conteúdos auxiliam no desenvolvimento da competência de área 5 do Enem 2009, ao qual se pretende "analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção". Quanto às atividades práticas, seguindo as recomendações de Esteves (2014), percebo que os dois capítulos trazem os problemas e procedimentos já dados, enquanto os alunos e alunas são responsáveis por chegar à conclusão. Já os exercícios são caracterizados com leitura de imagens, observação de detalhes literários de obras, além de exercícios retirados do Enem e outros vestibulares, ao fim de cada capítulo para fixação de conteúdo. Também ao final dos capítulos as autoras trazem dicas de filmes, obras, entre outras coisas, que se relacionam com as discussões antes trazidas.

Quanto a sua estrutura geral, os dois livros didáticos possuem *design* parecidos, com arte de capa, títulos e organização idênticos. Estão estruturados em três blocos distintos, divididos entre Gramática, Literatura e Produção de texto. No volume dois, os conteúdos são divididos da seguinte maneira: Literatura, na cor vermelha, com 3 unidades e 11 capítulos sobre as fases e escolas literárias brasileiras; gramática, na cor verde, com 2 unidades e 12 capítulos com questões gramaticais; e produção de texto, na cor azul, com 3 unidades e 5 capítulos com conteúdos sobre gêneros textuais. Já no volume três, da mesma forma, a divisão se dá entre: Literatura, na cor vermelha, com 2 unidades com 8 capítulos sobre as escolas literárias; gramática, na cor verde, com 5 unidades com 8 capítulos acerca de problemas gramaticais da LP; e produção de texto, na cor azul, com 3 unidades com 7 capítulos sobre os gêneros textuais.

Contudo, as cores durante as unidades variam do vermelho, em numerações, ao azul, nos títulos e subtítulos. Além disso, ainda no Sumário há a presença de figuras ilustrativas que incentivam ações interpretativas dos seus leitores e leitoras de seus conteúdos programados. Portanto, esse é o estilo das autoras, tendo as duas unidades a mesma organização, com as mesmas características semióticas em suas propostas de ensino.

Outrossim, em relação ao tema dos materiais didáticos, se referindo ao sentido que eles apresentam à(o) leitor(a), é visto que esses dois capítulos propõem um ensino de literatura regionalista, mobilizando obras/textos literários, análises, músicas, boxes informativos com biografias de autores(as), imagens, entre outros recursos, com temática acerca do *Sertão*, *Nordeste*, *interior*, *Norte* e *Semiárido*. Dessa maneira, é importante analisar quais são os sentidos que esses enunciados estão propondo em relação a esses espaços e com qual posição. Como os capítulos estão focados em ensinar literatura regionalista, caracterizada por enaltecer aspectos locais, em questões geográficas e culturais, é preciso refletir sobre que aspectos as autoras estão levantando desse território do Sertão/Nordeste nesse ensino literário, além de que vozes estão trazendo através das obras que mobilizam nos dois livros.

Para tanto, como os capítulos são relacionados ao ensino da literatura, é importante refletir sobre sua função social. Nesse sentido, Santos (2021) chama a atenção para o fato de que, por fazer parte da esfera artística, as obras literárias trazem o posicionamento de seus autore(a)s/escritore(a)s acerca de alguma questão social, política e/ou ideológica. Ou seja, segundo esse autor, o sujeito que escreve o texto literário não cria, mas embate ou repete discursos do mundo com que convive/se depara. Dessa forma, por meio da literatura o "eu" do discurso pode expressar a sua ideologia, seus posicionamentos sobre as coisas do mundo através da ficção, sem lidar diretamente com o mundo em questão. Pensando nisso, ainda de acordo com o autor mencionado anteriormente, ao fazer a leitura de uma obra literária, entendendo essa enquanto um enunciado, devemos observar o "eu" desse discurso, aquele que fala, além do contexto e os sentidos que são propostos, bem como quais vozes são mobilizadas no texto, pois o projeto literário objetiva interpelar os sujeitos, convencê-los de que há uma verdade proposta ali. Sabendo disso, é importante se atentar aos enunciados que são mobilizados em determinado gênero, de uma esfera específica, e quais são as intenções daquele que produz os discursos. No caso dessa pesquisa, se tratando de livro didático que visa ensinar sobre os regionalismos, ou seja, trazendo textos da esfera literária para dar sustentação aos discursos/enunciados próprios da esfera escolar, de ideologia oficial, é necessário observar quais textos são mobilizados, problematizando-os, uma vez que essa esfera objetiva um ensino

unificado. Assim, objetivo pensar quais são os sentidos acerca do *Sertão* e do *Nordeste* que as autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2008) propõem nesse ensino de literatura regionalista.

4.3 Análises dos capítulos didáticos (*corpus*)

Vendo a capa de ambos os livros, na Figura 5, é possível descrever que a coleção de materiais didáticos de Língua Portuguesa das autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2008) tem muitas semelhanças, pois os dois livros didáticos que analiso são caracterizados com um *design* com ilustrações de ramificações no interior, sendo o volume dois em tons de verde e o volume três com tons de azul, além de fontes e modelos de caracteres idênticos em ambos, como vemos na sequência:

Figura 5: Capas dos livros didáticos "Português: Contexto, interlocução e sentido" – volumes 3 e 2

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008)

Já na contracapa, são trazidas algumas informações acadêmicas das três autoras, sendo informado que elas residem na região sudeste do Brasil. Essa informação deve ser levada em conta ao analisar os materiais, pois ambas elaboraram capítulos de livro didático que falam sobre Sertão, Nordeste, interior, para alunos e alunas brasileiros, mas também para estudantes que vivem nesses espaços. Nesse caso, é o que Albuquerque Jr. (2020) chama a atenção pelo fato de se tratar de um "eu" que não vive no Sertão se propondo a falar sobre o Sertão para estudantes sertanejo(a)s.

Ademais, na apresentação dos livros, ambos da mesma forma, as autoras fazem uma introdução à linguagem enquanto parte não apenas do meio escolar, mas das nossas vidas. Além disso, falam sobre a importância da leitura no letramento. Também fazem uma introdução falando acerca da linguagem em geral e de sua importância em sociedade, tanto para comunicação, como para tarefas diárias e também como forma de lazer. A leitura (literatura), como exemplo, é abordada enquanto forma de descansar, conhecer realidades e as diversas organizações sociais durante os tempos.

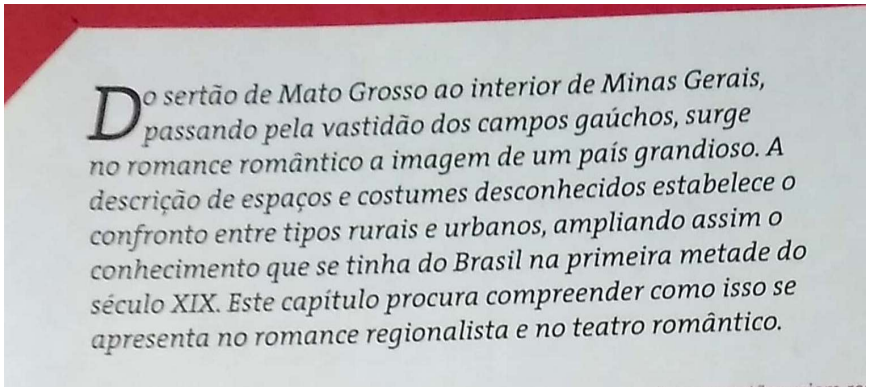
Conseguinte, na abertura do capítulo 7, as autoras utilizam uma pintura, como vemos na sequência, de 1882, Figura 6, logo abaixo do título do capítulo em questão, ilustrando um *lugar do interior* de uma região do Brasil, com a presença de pessoas bem vestidas, aparentando trajes tradicionais do Sul, conversando entre si. Ainda na capa de abertura, as autoras informam quais são os objetivos do capítulo nos estudos literários com os/as estudantes: aprender sobre o romance regionalista do século XIX, bem como as diferenças entre os principais autores, o teatro e a representação da sociedade da época na literatura. Com isso, é visto que o início do capítulo traz mais enfoque na produção regionalista do Sul em discussão.

Figura 6: Capa do capítulo 7 – "O romance regionalista. O teatro romântico"

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 142)

Além da abertura, já nos primeiros textos explicativos, como pode ser visto na Figura 7, as autoras começam com uma breve apresentação do assunto explanando acerca da literatura do século XIX, surgida no sul-sudeste-centro oeste, que trazia a ideia de sertão enquanto *interior*, de mata fechada, lugar distante das capitais.

Figura 7: Apresentação do capítulo 7



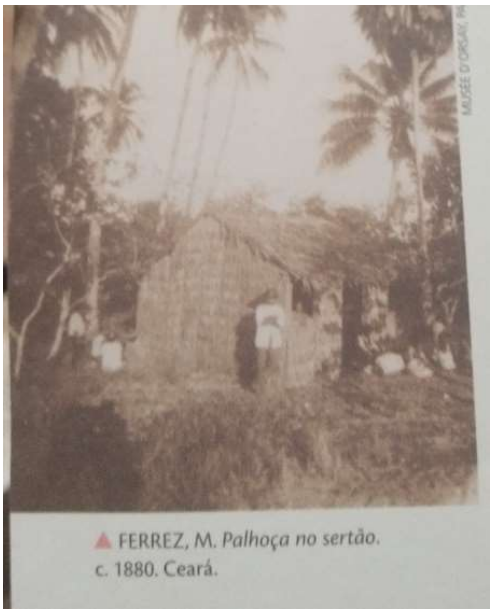
Do sertão de Mato Grosso ao interior de Minas Gerais, passando pela vastidão dos campos gaúchos, surge no romance romântico a imagem de um país grandioso. A descrição de espaços e costumes desconhecidos estabelece o confronto entre tipos rurais e urbanos, ampliando assim o conhecimento que se tinha do Brasil na primeira metade do século XIX. Este capítulo procura compreender como isso se apresenta no romance regionalista e no teatro romântico.

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 143)

Um sentido da palavra "sertão" pode ser visto no enunciado "do sertão de Mato Grosso ao interior de Minas Gerais", em que as autoras descrevem a literatura regionalista. Ou seja, com o uso do sintagma "sertão de Mato Grosso", em que é utilizado a preposição "de", de pertencimento, demonstra que "sertão" está para um espaço "de interior", visto que Mato Grosso se trata de um estado do centro-oeste brasileiro, e não está relacionado ao espaço nordestino, como comumente sertão é associado. Após, uma atividade é proposta aos alunos e alunas e conta com três questões discursivas abordando a imagem na capa, já antes mencionada, e as perguntas incluem espaço, sujeitos, características e demais elementos visuais que caracterizam a ambientação, e é sugerido ao/à docente que as respostas do(a)s estudantes sejam oralmente, característica do guia do professor.

Já no bloco "Regionalismo: o Brasil literário amplia suas fronteiras", as autoras selecionam uma foto (Palhoça no sertão, FERREZ, M. 1880) de homem aparentemente simples, parado em frente a uma casa humilde de palha, localizada no Ceará, como pode ser visto na Figura 8, para explanar sobre o interior nordestino nas obras regionalistas.

Figura 8: Fotografia Palhoça no sertão



Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 144)

Podemos inferir a partir da figura o sentido que foi forjado discursivamente acerca do sertão nordestino, no imaginário acerca desse espaço que se tornou tão forte para o(a)s sertanejo(a)s. No texto, as autoras falam acerca das mudanças na literatura regionalista nacional, que passa a retratar "lugares desconhecidos", apontando os vaqueiros dos pampas e os sertanejos nordestinos. Ainda dizem que essas obras que retratam o sertão nordestino mostram a sociedade rural, com costumes diferentes da corte, arcaicos.

Ou seja, no mesmo capítulo, as autoras trazem dois sentidos distintos acerca do signo "sertão", sendo um como *lugar do interior*, de *mata fechada* e *longe das capitais* e outro enquanto um território forjado discursivamente que, como vimos anteriormente, foi capturado pelo discurso regionalista enquanto um espaço rural, arcaico, certamente aquele tomado pela seca, pela morte, em que sujeitos e paisagem se confundem. Mais adiante, apresentam um mapa do Brasil, do IBGE, figura 9, mostrando as representações literárias regionalistas de cada região do país e, ao lado, há uma linha do tempo em formato de régua com datas que vão de 1802 a 1875 com fatos históricos que, a meu ver, influenciaram essas literaturas trabalhadas no capítulo, visto que as autoras não pontuam sua função ao decorrer das discussões, mas apenas apresentam essas informações.

Figura 9: Mapa do IBGE sobre os romances regionalistas do século XIX

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 145)

Em "o projeto literário do romance regionalista", Abaurre, Abaurre e Pontara (2008) falam sobre o objetivo do romance regionalista, que, segundo elas, é revelar o país aos brasileiros. Nesse sentido, de acordo com as mesmas, o(a)s autores(as) dessas obras literárias exibiam a realidade da época que vivenciavam enquanto forma de denúncia. Dessa forma, levando em conta o sertão nordestino, na forma que é discursivamente retratado nesse capítulo, esses(as) escritores(as) estariam denunciando a falta de investimentos nessa região, a pobreza das pessoas que ali viviam, a mazela da fome e da falta d'água, a morte, etc., que é, como afirma Albuquerque Jr. (1997), a grande obsessão do discurso da literatura da seca. Entretanto, conforme vimos anteriormente nas palavras de Santos (2021), a obra literária não traz uma realidade/verdade, mas uma proposta de realidade com base nos posicionamentos do "eu" do enunciado, ou seja, daquele que escreve a obra. Não se refere, dessa forma, a uma mera reprodução de experiências pessoais do(a) escritor(a), mas são propostas de sentidos mobilizadas no texto que objetivam interpelar aqueles que o leem.

Em outro momento do capítulo, ainda apresentando o sertão enquanto lugar afastado das capitais, quando falam da obra *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay, as autoras utilizam a palavra "sertanejo" para designar o *homem do interior*. Nesse caso, como a obra é ambientada no Mato Grosso, mais uma vez representa uma *terra afastada da capital*, *terra de interior*, com os sujeitos que nela vivem enquanto "sertanejos". A literatura, nesse sentido, representava o Brasil, com esse regionalismo interiorano. Vale observar que, em diversas passagens do capítulo, especificamente ao falar dessa obra do Visconde de Taunay, as autoras se posicionam em relação ao patriarcado presente em tais obras do século XIX, em que as moças

da época não podiam ler romances para não sonharem demais e não fossem "corrompidas", além de assumirem papéis submissos. Apontam as diferenças entre obras regionalistas, em que homens ganham primeiro plano, e os romances urbanos, em que as mulheres são fortes e ganham protagonismo, como ocorre nas narrativas de José de Alencar. Isso me fez pensar sobre o fato de as autoras fazerem tal intervenção sobre uma discussão que foge dessa ideologia oficial ao qual os livros didáticos estão inseridos, mas não o fazem quando se trata dos estereótipos sobre o Sertão/Nordeste até então.

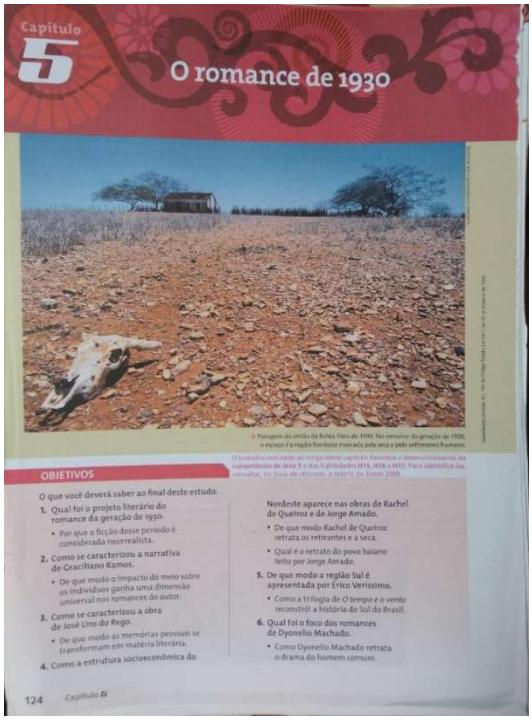
Ademais, em outra sessão intitulada "Alencar e os heróis dos sertões brasileiros", são trazidas considerações sobre José de Alencar e suas obras regionalistas, evidenciando que eram diferentes das obras urbanas, pois o autor dava foco narrativo ao homem, sendo ele um sujeito bruto, rústico, característico do interior. Vale ressaltar algo interessante a respeito do título em que as autoras falam de "sertões brasileiros", utilizado no plural com a presença do morfema "-s", dando essa noção de pluralidade desses espaços, em que há diferentes "sertões" pelo Brasil, não se limitando, assim, a um "sertão" único e que se resumiria à região Nordeste, como comumente é reforçado nos discursos sobre esse território. Nesse caso, o sentido de sertão presente nesse enunciado está se referindo aos lugares de interior, distantes das grandes cidades. Em contrapartida, posteriormente, num boxe informativo sobre a obra *O sertanejo*, de José de Alencar, que as autoras intitulam como "Heroísmo no sertão", reduzem o Sertão a uma única coisa, ao fazer uso da preposição "em" em junção com o artigo definido "o", especificando esse espaço como único.

Mais adiante, as autoras trazem considerações acerca do autor Franklin Távora e a sua determinação na busca por uma literatura do Norte, que seria genuinamente brasileira, incluindo as características locais, conforme foi citado em capítulo anterior. Assim, ao tecer críticas ao autor José de Alencar no prefácio de seu romance *O cabeleira*, Távora (1876) afirmava que ele não produzia obras verdadeiramente nacionais, pois não trazia elementos da região Norte em sua narrativa. Dessa forma, como já apontado no capítulo 3, as afirmações de Franklin Távora em concomitância com os discursos das elites nortistas foram responsáveis pela grande influência desses sentidos se *Sertão seco* que, mais tarde, foram recuperados e reafirmados pelas literaturas do século XX. Entretanto, no livro didático, as autoras apenas trazem um trecho sobre esse autor como uma informação para agregar aos conteúdos abordados, afirmando que ele é considerado o fundador do regionalismo do Nordeste, sem chamar a atenção para o uso desses sentidos.

Assim como no capítulo anterior, o capítulo 5 traz, logo abaixo do título, uma fotografia intitulada *Paisagem do sertão da Bahia*, de 1999, apresentando uma pequena casa ao fundo de

um terreno de solo rachado com algumas poucas vegetações da caatinga, tendo a figura de um crânio de um animal em evidência, como pode ser vista na Figura 10:

Figura 10: Capa do capítulo 5 – "O romance de 1930"



Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 124)

Ao observar tal imagem, é possível inferir que as autoras, ao a selecionarem para a capa do capítulo, sugerem que essa é a paisagem que melhor representa o Sertão nordestino, recuperando aí sentidos essencializados, sertão nordestino enquanto um espaço tomado pela *seca*, pela *miséria* e, devido ao destaque dado ao animal falecido, pela *morte*. Outro detalhe que chama minha atenção é o ano da foto, 1999, sendo muito recente para ser utilizada como representação de uma literatura que, como as próprias autoras pontuam no título, é de 1930. Dessa forma, dá-se a entender que, para elas, esses sentidos de Sertão/Nordeste trazidos nessa literatura ainda *permanecem atual*. Ademais, ainda na capa, as autoras apresentam os objetivos do capítulo, como conhecer qual foi o projeto literário do romance da geração de 1930 que, com o uso da imagem mencionada, sugere ao leitor(a) estudante que se trata desse *espaço de seca*.

Já na apresentação do capítulo, é explicado que o romance da segunda geração modernista deu enfoque principalmente em denunciar uma realidade que, principalmente na região Nordeste, "condena milhares de brasileiros à miséria". Nesse caso, podemos notar o explícito posicionamento das autoras, ou seja, sua ideologia em relação ao Nordeste, ao fazerem

uso do verbo “condena” no presente do indicativo, indicando algo que sempre ocorreu e continua acontecendo atualmente. Assim, é visto que mobilizam, novamente, sentidos reducionistas acerca do Nordeste e dos sujeitos que nele vivem, generalizando toda a região.

Após, assim como ocorreu no capítulo didático anterior, elas solicitam que os/as estudantes realizem uma leitura da imagem presente na capa do capítulo, de forma oral, observando as características de espaço, inclusive o ângulo escolhido pelo fotógrafo ao focar no crânio do animal. Ou seja, é proposto que estudantes, incluindo o(a)s sertanejos(as) (como quem estudou com esse livro em Delmiro Gouveia, AL, façam uma discussão acerca de uma imagem representando um espaço em que vivem com esses sentidos simplistas enquanto uma realidade atual, como se os representasse, por se tratar do Nordeste.

Outrossim, um detalhe importante para se analisar nesse capítulo é a utilização do sentido de *seca* para esses espaços, como visto nas expressões “**seca**: uma tragédia que nasceu com o Brasil”, “uma região assolada pela **seca**” ou em “Graciliano Ramos: mestre das palavras **secas**”. Assim, esse signo “seca” é muito utilizado nas literaturas já mencionadas para se referirem ao Sertão/Nordeste com esses sentidos estereotipados por elas estabelecidos e, além disso, são reproduzidos em discursos nas diversas esferas de comunicação até os dias de hoje. Porém, é preciso esclarecer que, por possuir clima semiárido, o Sertão nordestino tem, de fato, o fenômeno da **estiagem**, que pode durar grandes períodos sem a presença de chuvas. Entretanto, a utilização do discurso da seca atrelada a essa região não se refere somente a isto, mas, tem relação aos interesses das elites intelectuais e políticas por ser rentável para elas. Ou seja, esse discurso da seca é utilizado em relação ao Sertão/Nordeste com uma intencionalidade/interesse econômico/político, não apenas por questões climáticas. Por exemplo, como bem lembra Lima (2020), quando ocorreu o mesmo fenômeno de estiagem na cidade de São Paulo, que passou por um longo período sem chuvas e, por conta disso, ficou com problemas de abastecimento, os textos reproduzidos nas mídias mostravam a todo momento fotografias de solo rachado, porém não utilizavam o signo “seca” em seus enunciados, mas se referiam ao acontecido como “**crise hídrica**”.

No mais, assim como no capítulo anteriormente analisado, aqui as autoras também trazem uma linha temporal em formato de régua com fatos históricos que influenciaram essas literaturas, entre os anos de 1919 a 1945, como, por exemplo, a morte do cangaceiro Lampião, em 1938, como pode ser vista na Figura 11, que é um personagem comumente utilizado para representar o Sertão/Nordeste, por suas características de *homem sertanejo viril*, *forte*, *macho*, sendo essa imagem estereotipada do que seria um *verdadeiro sertanejo*.

Figura 11: Gráfico temporal do capítulo 5

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 127)

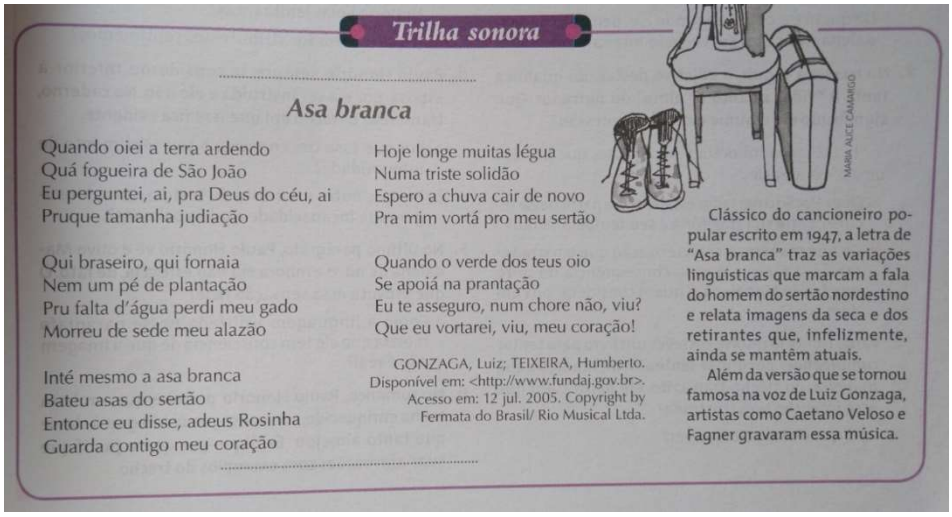
Outra passagem importante a se analisar é que as autoras afirmam que esses escritores e escritoras da literatura de 30 se reuniam para discutir acerca do contexto político, literário e social da época, assim como, segundo elas, discutir sobre a "realidade nordestina". Portanto, como tais autores e autoras faziam parte das elites políticas e intelectuais da época, também traziam consigo e em suas obras os sentidos reducionistas acerca do Sertão e Nordeste trazidas do século XIX. Porém, as autoras, mais uma vez, não falam a respeito disso, mas trazem essas narrativas como uma denúncia de realidade, como acontecimentos que representam o Sertão/Nordeste de hoje.

Mais adiante, no tópico "o romance de 1930 e o público", é informado aos leitores e leitoras estudantes que as obras literárias com essa narrativa regionalista dessa geração tiveram grande público que ansiava por conhecer mais o Brasil, pois, segundo as autoras, abordavam a realidade socioeconômica de determinado lugar. Entre o público, a maior parte se concentrava no Sul/Sudeste do país. Dessa forma, essas obras, ao estabelecerem sentidos reducionistas acerca do Sertão/Nordeste, eram vistas/lidas pelos sujeitos que não vivem na região enquanto representação da realidade, tomando esses sentidos como verdade e levando-os consigo, ajudando a reafirmar esses discursos.

Ademais, não apenas os espaços são criados discursivamente, como vimos nos capítulos anteriores, mas os sujeitos que nele vivem também são ressignificados através desses discursos escolares. Por exemplo, as autoras, em outro momento do capítulo, comentam acerca da obra de Raquel de Queiroz, *O Quinze* (1971), afirmando que as personagens Conceição e Dona Inácia possuem um linguajar sem rebuscamentos, de "modo natural". Para elas, isso pode ser observado no trecho em que Conceição conversa com sua avó: "e nem chove, hein, mãe Nácia?"

(p.128). Segundo elas, esses termos regionais fazem com que a obra transmita ainda mais os aspectos locais, sendo mais fiel à região, tornando as personagens mais "reais". Dessa forma, ao apontarem que essas personagens falam de "modo natural", sugerem que é algo característico do ambiente em que vivem, do espaço do Nordeste e Sertão, em que os sujeitos são simples, assim como sua forma de se expressar. Ou seja, propõem os sentidos já aceitos discursivamente e que engloba tanto a paisagem quanto os sujeitos que nela vivem. Isso também pode ser visto em outro trecho, ilustrado na figura 12, onde elas usam parte da música *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, para mostrar as variações linguísticas, que, como afirmam, marcam a fala do homem do sertão nordestino, como "oiei", "pruque", "fornaia", entre outas. Dessa forma, ao fazerem uso do verbo "marcam", no presente do indicativo, as autoras consideram essa forma linguística dos sujeitos que vivem no Sertão dessa maneira única, rústica, demonstrando de forma generalista. que não tem acesso à educação. Além disso, ainda afirmam que a música demonstra uma realidade atual, pois retrata, segundo elas, a vida dos retirantes por conta da seca.

Figura 12: Análise da música Asa Branca, de Luiz Gonzaga



Trilha sonora

Asa branca

Quando oiei a terra ardendo
Quá fogueira de São João
Eu perguntei, ai, pra Deus do céu, ai
Pruque tamanha judiação

Qui braseiro, qui fornaia
Nem um pé de plantação
Pru falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio
Se apoiá na prantação
Eu te asseguro, num chore não, viu?
Que eu vortarei, viu, meu coração!

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 12 jul. 2005. Copyright by Fermata do Brasil/ Rio Musical Ltda.

MARIA ALICE CAMARGO

Clássico do cancioneiro popular escrito em 1947, a letra de "Asa branca" traz as variações linguísticas que marcam a fala do homem do sertão nordestino e relata imagens da seca e dos retirantes que, infelizmente, ainda se mantêm atuais.

Além da versão que se tornou famosa na voz de Luiz Gonzaga, artistas como Caetano Veloso e Fagner gravaram essa música.

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 133)

Assim, é necessário pensarmos que não só o espaço do Sertão/Nordeste foi estereotipado discursivamente, mas também os sujeitos que nele vivem, pois, a imagem que se tem do homem sertanejo/nordestino foi unida à paisagem seca, sendo esse sujeito rústico, bruto, ignorante, seco. Isso se deu, de acordo com Albuquerque Jr. (1997), por conta da preocupação das elites intelectuais e políticas da do século XIX, das ciências sociais, com a formação de uma nação e uma raça a partir dessa região do Nordeste/Sertão. Para tanto, utilizaram soldados como molde para o biotipo desse homem do Nordeste, sertanejo, pois o corpo masculino era o representante da força, do domínio, viril e de formas perfeitas, e isso pode ser visto em obras regionalistas

em que a figura do homem é central, sendo sempre o herói da narrativa. Portanto, como afirma Albuquerque Jr. (2019), precisavam de uma imagem compensatória em meio a esse espaço hostil, que também foi inventada, e assim surgem os discursos sobre o *homem sertanejo macho*, *forte*, pois o Sertão é violento, de vida dura, e apenas os fortes sobrevivem. Com isso, o homem sertanejo também carrega discursos que foram se concretizando através da literatura, além do território, principalmente com a influência dessas elites que, após a criação do Nordeste, usavam das correntes darwinistas e da metáfora do corpo biológico para estudar e pensar nação, região e seu povo. Todavia, apesar dessas características físicas compensatórias, como o povo nordestino/sertanejo era visto enquanto mestiço por conta do processo de miscigenação da região, esses sujeitos foram considerados inferiores, tanto em raça como intelectualmente. Dessa forma, esses discursos criados por essas elites forjaram esses sentidos que foram reafirmados nas literaturas, tendo ligação com essas teorias da ciência sobre o sujeito ser influenciado pelo meio. Segundo Albuquerque Jr. (1997), esses discursos literários sempre remetem à morte de um povo, tempo e espaço em que a morte dos sujeitos parece vir da própria terra.

Por conseguinte, no espaço em que comentam acerca da obra *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, há a presença de uma fotografia, de 2003, com a figura de um boi morto próximo de uma árvore, indicando a sub-região do agreste de Pernambuco, como pode ser visto na Figura 13:

Figura 13: Imagem do boi morto

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 133)

Assim, através dessa imagem, as autoras estão, mais uma vez, reafirmando que o discurso da seca é uma realidade atual da região Nordeste, ao escolher um arquivo mais recente para representar uma obra do século XX, sem apresentar um contexto à parte. No mais, todas as imagens selecionadas nos capítulos para falar do Sertão e/ou do Nordeste são sempre caracterizadas com cores opacas, solo seco e rachado, pessoas simples e humildes, casas singelas etc. Nesse sentido, utilizam desses recursos semióticos para proporem esses sentidos de *Sertão/Nordeste seco*, com o objetivo de convencer aqueles que veem/leem, estudantes, enquanto uma verdade. Todavia, quando se referem ao sertão de outras regiões do país ou literaturas sobre essas outras regiões, apresentam fotografias com uma vegetação mais verde, com pessoas com trajes elegantes e cores vivas. Portanto, esse contraste entre as escolhas marca a ideologia de quem produz esses discursos e suas propostas de sentidos. São discursos que fazem um diálogo com as ciências das elites políticas e intelectuais nortistas do século XIX, que forjaram sentidos estereotipados e pejorativos acerca do Sertão/Nordeste e dos sujeitos que vivem na região, e são reafirmados através da literatura, além das diversas esferas de produção humana, como a esfera escolar.

Mais à frente, no tópico "o sertão idealizado do romantismo", de acordo com Abaurre, Abaurre e Pontara (2008), no período pré-modernista o regionalismo passa a ter um olhar diferente, tendo o Nordeste como principal tema, apresentando suas mazelas. Com isso, em "o Nordeste em Graciliano Ramos", elas mostram o tema da seca e da vida sofrida retratado nas obras, o que levava o povo sertanejo ao retiro para fugir do sofrimento causado pela fome e pela pobreza, como retratado em *Vidas secas* (1938). Entre as explicações acerca dessa obra, as autoras afirmam que "a trajetória da família de Fabiano, nesse romance, simboliza a busca de todo nordestino por alguma esperança de sobrevivência longe da paisagem árida e estéril da sua região" (p.164). Aqui as autoras mostram seu posicionamento de forma explícita, sua ideologia, ao se referirem ao Sertão e ao Nordeste enquanto um *espaço único*, *tomado pela seca* e, consequentemente, *sem condições para viver*. Ademais, ao afirmarem que se trata de uma busca de "todo nordestino" ao se retirar dessas terras para fugir dessa seca. Generalizam, além do espaço do Nordeste como o mesmo do Sertão, também os sujeitos que aqui vivem, como se todo esse território fosse *inóspito*, propondo esses sentidos de um *espaço de migração*, em que todos estão sempre se locomovendo para outro lugar para fugir da miséria. Além do mais, com a palavra "busca", fazem uso de um verbo no presente do indicativo mais uma vez para propor algo que é atual. Com isso, é importante pensarmos acerca dos alunos e alunas sertanejo(a)s que estudaram com esse livro, ao se depararem com tais enunciados, se não se sentiram

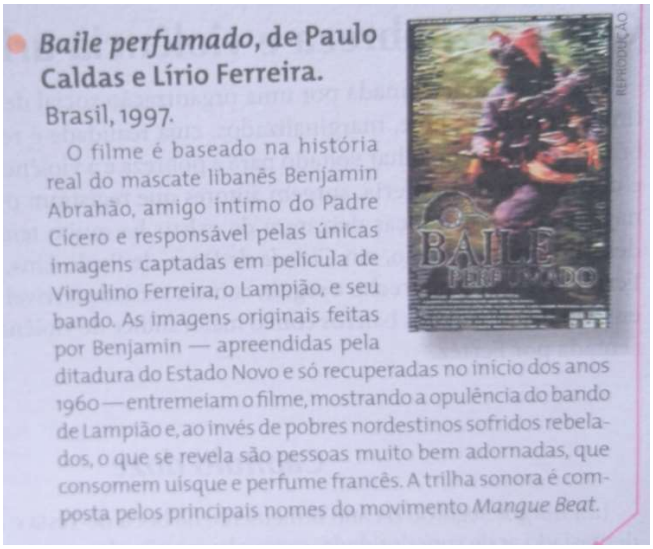
representados, pois não vivem essa realidade apresentada discursivamente pelas autoras nesses enunciados enquanto verdade.

O mesmo posicionamento ideológico ao se referir à obra de Gracilianos Ramos pode ser visto mais adiante, quando as autoras falam que "**Vidas Secas** permanece, ainda hoje, uma obra assustadoramente **atual** no retrato que faz dos retirantes nordestinos que acalentam um único sonho: sobreviver" (p.133), afirmando que essa obra retrata a dura realidade de existência no sertão nordestino. Assim, mais uma vez, elas trazem nesse enunciado esses sentidos forjados na literatura do século passado enquanto um fato atual, principalmente ao usarem o advérbio "assustadoramente" para enfatizar esse posicionamento valorativo acerca do Sertão/Nordeste e generalizando, novamente, os sujeitos que aqui vivem.

No mais, é perceptível, no decorrer das discussões, o uso de diversos enunciados como "seca nordestina", "realidade nordestina", "Graciliano Ramos: mestre das palavras secas" e "sertão nordestino", mobilizando propostas de sentido pejorativas, generalizadas, que mesclam o Sertão e o Nordeste enquanto um espaço discursivamente *uno*, *tomado pela seca*. Vale a pena ressaltar que, no capítulo didático anteriormente analisado, quando traziam o sentido da palavra "sertão" enquanto *lugar do interior*, retratando outras regiões do Brasil na literatura, as autoras não enfatizavam como "sertão sudestino" ou "sertão sulista", como fazem com a região Nordeste. Ademais, referenciam-se à obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, para representar as literaturas que, segundo as autoras, evidenciavam a dura realidade do Nordeste. Entretanto, como vimos, essa obra foi influenciada pelas elites nortistas do século XIX, influenciado obras posteriores, e se tornou, assim, uma das grandes responsáveis pelos sentidos estereotipados acerca de Sertão e Nordeste que se tem até os dias atuais.

Por fim, ao final de cada capítulo didático analisado, as autoras trazem uma sessão intitulada "conexões", com indicações de filmes, *sites*, textos e músicas com conteúdos relacionados aos conteúdos trazidos durante as discussões. Entre eles, um me chamou a atenção: *Baile Perfumado*, 1997, de Paulo Caldas, visto na figura 14, pois é um filme que tem uma proposta diferente dos outros, trazendo uma outra imagem do Sertão, que foge um pouco dos estereótipos, com vegetação verde, viva. Visto que as autoras não trouxeram noções outras acerca do Sertão, é um tanto irônico a indicação de tal filme.

Figura 14: Recomendação do filme Baile Perfumado



***Baile perfumado*, de Paulo Caldas e Lírio Ferreira.**
Brasil, 1997.

O filme é baseado na história real do mascate libanês Benjamin Abrahão, amigo íntimo do Padre Cícero e responsável pelas únicas imagens captadas em película de Virgulino Ferreira, o Lampião, e seu bando. As imagens originais feitas por Benjamin — apreendidas pela ditadura do Estado Novo e só recuperadas no início dos anos 1960 — entremeiam o filme, mostrando a opulência do bando de Lampião e, ao invés de pobres nordestinos sofridos rebelados, o que se revela são pessoas muito bem adornadas, que consomem uísque e perfume francês. A trilha sonora é composta pelos principais nomes do movimento *Mangue Beat*.

Fonte: Abaurre, Abaurre, Pontara (2008, pág. 146)

Assim, analisando o título das duas unidades, "contexto, interlocução e sentido", é possível inferir que a proposta de ensino de língua portuguesa inicial das autoras levaria em consideração os usos da língua em diferentes contextos sociais, com seus diferentes sentidos através das interações entre sujeitos com diferentes histórias, ideologias. Entretanto, como pudemos perceber ao longo dos capítulos analisados, são propostas unas, que não levam em consideração o contexto histórico das obras literárias em comparação com o contexto atual, mas são trazidos sentidos forjados nas literaturas como se fossem os mesmos dos dias atuais. Dessa forma, as autoras das duas unidades não pontuam os diferentes contextos e sentidos, como propõem no título.

Ambos os livros didáticos aqui analisados, por terem sua publicação em 2010, estão sob a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, que tem entre as orientações para o ensino da língua Portuguesa propostas que desenvolvam uma habilidade crítica dos estudantes aos enunciados, fazendo com que possam analisar textos levando em consideração seu contexto, condições de produção, além de ser poder confrontar diferentes posicionamentos nas interações, entre outros. Além disso, se referindo à literatura, os livros didáticos trazem essas obras para promover a compreensão de texto através de leitura. Já a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que entrou em vigência do ano de 2017, traz propostas de ensino de Língua Portuguesa mais reflexivas, trazendo o ensino da literatura, diferentemente, com o propósito de pensar os diferentes valores que permeiam as obras, as diferentes vozes, além contextualizá-las, trazendo as suas relações com períodos históricos.

Conclui-se, dessa forma, que os dois capítulos dos livros didáticos analisados nessa pesquisa trazem propostas de sentidos unificadoras e simplistas acerca do Sertão e do Nordeste, reafirmando o discurso da seca e mobilizando textos literários dos séculos XIX e XX que apenas reafirmam esses discursos forjados pelas elites nortistas da época. Dessa maneira, esse gênero discursivo traz enunciados que são próprios da esfera escolar, com propostas unas de ensino, próprias da ideologia oficial ao qual pertence. Quanto às lições trazidas pelas autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2008), é visto que, ao invés que trazerem em suas explicações noções outras do Sertão para que o(a)s estudantes refletissem sobre as obras literárias em seus determinados contextos, elas apenas reforçam os discursos dessas literaturas da seca, buscando interpelar seus leitores e leitoras, estudantes, nesse processo de ensino e aprendizagem sobre território.

CAPÍTULO 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando dei início a minha pesquisa de TCC, que foi baseada no projeto do Pibic 2021-2022, e se estendeu para o Pibic 2022-2023, notei que havia um problema em torno da proposta de ensino trazida pelos livros didáticos das autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2008), pois, traziam um ensino de literatura regionalista com temática sobre o Sertão e o Nordeste, que parou também nas aulas de estudantes sertanejos e sertanejas. Dessa forma, se fazia importante estudar sobre a historiografia da região Nordeste para então compreender como os sentidos pejorativos que circulam sobre esse espaço foram construídos, com qual intencionalidade, e por qual razão ainda são reafirmados nas diversas esferas de produção humana. Por conseguinte, a partir de tal compreensão, objetivei analisar se os materiais didáticos trabalham ou não com esses sentidos por meio de seus enunciados, entendendo como estão organizados, situando o gênero discursivo estudado e a esfera comunicativa à qual pertence. Ademais, por ser da esfera escolar, se fazia importante refletir sobre esse processo de ensino e aprendizagem por meio do livro didático, e como propõem esse ensino nas escolas, sabendo que as práticas discursivas constroem as práticas sociais. Assim, o tema da minha pesquisa leva em consideração esse ensino acerca da interface *linguagem e território*, para observar quais sentidos eram/são propostos sobre esses espaços.

Ademais, o estudo teve como objetivo geral compreender quais sentidos eram propostos no ensino literário dos romances regionalistas com as lições acerca do Sertão, Nordeste, interior, Norte e semiárido nos dois capítulos didáticos. Com isso, a partir das análises, foi possível alcançar esse objetivo, visto que as lições trazidas nos capítulos didáticos traziam sentidos únicos acerca do Sertão e Nordeste, enquanto um espaço de seca constante pelo clima semiárido, de sujeitos ignorantes e simples, que se misturam à paisagem. Dessa forma, as autoras mobilizam obras literárias dos séculos XIX e XX apenas para refirmar esses sentidos. No primeiro capítulo didático analisado, trouxeram o sertão enquanto um *lugar de interior*, quando tratavam de outras regiões do Brasil, mas com sentidos unificadores quando falam do Nordeste. Ademais, quanto ao Norte, fazem menção às considerações de Franklin Távora sobre a criação de uma literatura do Norte, mas sem contextualizar a criação do Nordeste.

Além disso, a pesquisa tinha enquanto objetivo específico pensar sobre a relação das obras regionalistas com as questões geo-históricas no ensino de Língua Portuguesa. Com isso, foi visto que é proposto um ensino literário com base nas obras dos séculos XIX e XX para enfatizar, segundo as autoras, que essa literatura regionalista trazia características locais para

mostrar a “realidade” de uma determinada região com o objetivo de conhecer o país. Entretanto, como foi possível analisar, essas literaturas trazem sentidos forjados acerca do espaço do Sertão/Nordeste com influência das elites nortistas, mas que isso não foi trazido pelas autoras, uma vez que também refirmam esses discursos.

Por conseguinte, o objetivo específico de estudar a influência das obras regionalistas do século XIX para as literaturas de 1930, do século XX, pôde ser concluído por meio das teorias historiográficas do pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que mostram, cronologicamente, como essas literaturas das secas, baseadas nas teorias das elites intelectuais e políticas do Norte, forjaram esses sentidos de *Sertão seco* que, mais tarde, foram recuperados pela literatura de 30, fazendo essa manutenção de sentidos com os discursos da seca que foram realocados para a região Nordeste após sua criação, *Nordeste é seco*. Dessa forma, foi possível compreender como esses sentidos foram mobilizados nos capítulos didáticos analisados.

Também foi concluído o objetivo específico de refletir sobre os recursos semióticos utilizados para o ensino e aprendizagem sobre Sertão/Nordeste, uma vez que as imagens, textos explicativos, gráficos, filmes e demais recursos com propostas de sentidos sobre esse espaço foram analisados, bem como quais sentidos as autoras mobilizaram a partir deles para propor um ensino literário através desses materiais didáticos. Por conta disso, foi possível observar que o uso desses recursos semióticos teve como objetivo reforçar os discursos e sentidos estereotipados acerca do Sertão trazidos nos capítulos enquanto proposta de ensino de uma literatura regionalista.

Assim, entendemos inicialmente que esses materiais didáticos, por estarem propondo um ensino de literatura regionalista acerca de Sertão, e sendo elaborados por autoras que não vivem nesse espaço, estariam propondo sentidos mobilizados nos enunciados que refletem o que as literaturas trabalhadas nesse ensino trazem enquanto uma verdade. Durante o trabalho, dessa forma, verificou-se que os sentidos que as autoras trazem, de fato, são de um Sertão/Nordeste simplista, estereotipado, em que os enunciados apenas reforçam os discursos da seca trazidos nas literaturas trabalhadas nos capítulos.

Assim, o problema da pesquisa foi respondido através da análise, pois os sentidos trazidos enquanto propostas de ensino literário nos livros didáticos trabalhados só reforçam os discursos reducionistas acerca do Nordeste e do Sertão, como já visto anteriormente. Esses materiais, por fazerem parte da esfera escolar, mobilizam enunciados acerca desses territórios de forma unificadora, seguindo os moldes dos livros didáticos atuais, apenas propondo um único sentido enquanto verdade, conduzindo o(a) docente na reprodução de determinado conhecimento para os alunos e alunas, sem abertura para outros sentidos.

Nisso, a partir da análise enunciativo-discursiva com base na Linguística Aplicada, foi possível observar os fatores históricos, geográficos, sociais, políticos e ideológicos imbricados nos discursos mobilizados nos materiais didáticos. Entendendo a língua na situação concreta, onde o dialogismo acontece, como propõe Bakhtin e o Círculo, a análise permitiu observar que os enunciados, que refletem o gênero discursivo e esfera ao qual pertencem, traziam sentidos e posicionamentos próprios da ideologia oficial, do qual a esfera escolar faz parte. Assim, foi visto que os discursos das literaturas e posicionamentos das autoras trazem esses sentidos estereotipados de Sertão/Nordeste nessa proposta educativa.

No mais, é um estudo que também contribui para minha formação enquanto docente, pesquisadora, me permitindo ingressar/cooperar com as ciências linguísticas através das produções acadêmicas. Através deste trabalho, foi possível compreender como os discursos permeiam e influenciam as práticas sociais, os sujeitos e como lidam com o mundo através da língua(gem). É um estudo que, além disso, contribui para as pesquisas em linguagem e território, a partir da LA, buscando mudar os sentidos essencializados, levando noções outras de Sertão.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. Português: Interlocução e Sentido. – São Paulo: Moderna, vol. 2, 2008.

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. Português: Interlocução e Sentido. – São Paulo: Moderna, vol. 3, 2008.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **V Congresso Internacional História, Região e Fronteiras.** Youtube, 21 de outubro de 2021. *Disponível em*: < https://www.youtube.com/watch?v=ji5wHQKOG48&ab_channel=ProgramadeP%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3oemHist%C3%B3riaUPF> *Acesso em*: 10 de janeiro de 2023.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2009.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropolócico e biotipológico da década de trinta. **Revista Afro-Ásia**, 19/20, p. 95-107, 1997.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Debate: Sertão: experimentação e resistência**. Youtube, 15 de abril de 2019. *Disponível em*: <https://www.youtube.com/watch?v=k3BfLUz9d-4&t=1228s&ab_channel=ARTE%21Brasileiros> *Acesso em*: 10 de março de 2022.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Sertões: Imaginários, memórias e políticas**. Youtube, 7 de maio de 2020. *Disponível em*: < https://www.youtube.com/watch?v=kjauuxNYAVA&t=1s&ab_channel=Ita%C3%BACultural>. *Acesso em*: 10 de março de 2022.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Vede sertão, verdes sertões: cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas**. Fênix, Vol. 13 Ano XIII nº 1, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2012**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

ESTEVES, Patrícia Elisa Chipoletti. **Análise de livro didático**. Youtube, 23 de agosto de 2014. *Disponível em*: <https://www.youtube.com/watch?v=zi-9qF6U-a4&ab_channel=PatriciaElisaChipolettiEsteves> *Acesso em*: 20 de junho de 2022.

ESTEVES, Patrícia Elisa Chipoletti. **Currículo e livro didático**. Youtube, 19 de junho de 2016. *Disponível em*:< https://www.youtube.com/watch?v=HttUjPV4J1E&ab_channel=PatriciaElisaChipolettiEsteves> *Acesso em*: 22 de novembro de 2022.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FABRÍCIO, Branca Falabella; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio** – v. 17, n. 4, 2019.

FONTES, Henrique. A invenção do nordeste, descaminhos sísmicos de uma peça documental do grupo carmin. **ITAÚ Cultural**, 2019.

GOULART, Cecilia. Sujeitos, espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem: uma discussão a partir de Bakhtin. **UFF**, 2009.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. *In:* BRAIT, Beth. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. P.133-160

LIMA, Thiago da Silva. **[Live 2] Estudos Linguísticos-Dircursivos de "Narrativas" sobre o Semiárido/Nordeste/Sertão**. Youtube, 18 de junho de 2020. *Disponível em*: <https://www.youtube.com/watch?v=Jh5hBdAiFAQ&t=1654s&ab_channel=ConversasQuest%C3%B5esdeLinguagem> *Acesso em:* 15 de julho de 2022.

LIMA, Thiago da Silva; SANTOS, Hugo Pedro Silvas dos. Lecture. Gelasal. Delmiro Gouveia, 16 de fevereiro de 2022.

MENDONÇA, Márcia. Livro Didático: para que te quero?. **Parábola**. Ano 1. Ed. 12, 2021.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. *In:* BRAIT, Beth. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.p. 167-176

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Luiz Paulo da Moita Lopes**. Youtube, 15 de dezembro de 2014. *Disponível em*: <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8&ab_channel=ConversasQuest%C3%B5esdeLinguagem> *Acesso em:* 7 de janeiro de 2023.

MUSSALIM, Fernanda. **11 – O Círculo de Bakhtin**. Youtube, 20 de abril de 2020. *Disponível em:* < https://www.youtube.com/watch?v=J0XDzwAIY20&ab_channel=L%C3%ADnguaeintera%C3%A7%C3%A3o> *Acesso em:* 8 de junho de 2022.

NASCIMENTO, Maria da Saúde Barros. A notícia *on-line* da "situação de emergência" provocada pela seca em Alagoas: realidade criada e aspectos silenciados. TCC (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

SANTOS, Ataniel da Silva. **"Aqueles dois" em leitura queer: "Ainda mais altos e mais altivos"**. TCC (Graduação em Letras-Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2021.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Fundamentos da Linguística II**. Maceió: UAB, 2012a.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do dialogismo bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca: UNEAL, 2012b.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Lecture. Gelasal. Delmiro Gouveia, 2021.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Lecture. Gelasal, Delmiro Gouveia, 18 de agosto de 2022.

SANTOS, Rakel Teodoro dos. Na "seca", a chuva: a alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) postada em vídeos pessoais. TCC (Graduação em Letras – Língua Portugesa) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2019.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.99-110.

TÁVORA, Franklin. O cabeleira. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1876.

TERRA, Ernani. **[Colóquio de Letras]: "O livro didático e o ensino de língua portuguesa".** Youtube, 11 de agosto de 2021. *Disponível em*: < https://www.youtube.com/watch?v=LM-VuaBsCeM&ab_channel=Laborat%C3%B3rioCartografia> *Acesso em*: 15 de novembro de 2022.